Adolfo Bioy Casares

A invenção de Morel

Prólogo de Jorge Luis Borges

 ANTIGONA

A Invenção de Morel

Adolfo Bioy Casares

A Invenção de Morel

Prólogo de Jorge Luis Borges

Tradução
Miguel Serras Pereira
e
Maria Teresa Sá

EDIÇÕES ANTÍGONA
LISBOA 1984

Título original	La Invención de Morel
Tradução do castelhano	Miguel Serras Pereira e Maria Teresa Sá
Capa	ANTÍGONA — sobre tela de Magritte «A reprodução interdita»
Edições	ANTÍGONA Apartado 4192 1504 LISBOA Codex

A Jorge Luis Borges

Prólogo

Stevenson, cerca de 1882, observou que os leitores britânicos desprezavam um tanto as peripécias romanescas e sustentavam que era mais hábil redigir um romance sem intriga, ou de intriga infinitesimal, atrofiada. José Ortega y Gasset — A desumanização da arte, *1925 — tenta elaborar racionalmente o desprezo referido por Stevenson e afirma na página 96, que «é muito difícil conseguir ocasião de inventar nos dias de hoje uma aventura capaz de interessar a nossa sensibilidade superior», e na 97, que tal invenção «é praticamente impossível». Noutras páginas, em quase todas as outras páginas, defende a causa do romance «psicológico» e sustenta que o prazer das aventuras é inexistente ou pueril. Tal é, sem dúvida, a opinião comum em 1882, em 1925 e ainda em 1940. Alguns escritores (entre os quais me apraz contar Adolfo Bioy Casares) acham razoável discordar. Resumirei, aqui, os motivos dessa discordância.*

O primeiro (cujo aspecto paradoxal não quero sublinhar nem reduzir) é o rigor intrínseco do romance de acção. O romance de caracteres, «psicológico», tende à informidade. Os russos e os discípulos dos russos demonstraram até à saciedade que ninguém é impossível: suicidas por felicidade, assassinos por benevolência, pessoas que se adoram ao ponto de se separarem para sempre, denunciantes por fervor ou humildade... Essa liberdade completa acaba por equivaler à completa desordem. Por outro lado, o romance «psicológico» quer ser também romance «realista»: prefere que esqueçamos a sua natureza de artifício verbal e faz de toda a precisão inútil (ou de todo o vago languescente) um novo traço de verosimilhança. Há páginas, há capítulos de Marcel Proust que são inaceitáveis como invenções: a que, sem nos darmos conta, nos conformamos como ao insípido e ocioso de cada dia. O romance de intriga, em compensação, não se propõe como uma transcrição da realidade: é um objecto artificial que não sofre de qualquer trecho injustificado. O receio de incorrer na mera variedade sucessiva do Asno de Oiro, *das sete viagens de* Sindebad *ou do* Quixote, *impõe-lhe um argumento rigoroso.*

Aleguei um motivo de ordem intelectual; há outros de carácter empírico. Todos murmuram tristemente que o nosso século não é capaz de tecer enredos interessantes; ninguém se atreve a verificar que se este século tem alguma primazia sobre os anteriores, essa primazia é a do enredo. Stevenson é mais apaixonado, mais diverso, mais lúcido, talvez mais digno da nossa amizade absoluta do que Chesterton; mas os argumentos que concebe são inferiores. De Quincey, em noites de minucioso terror, adensou-se no coração dos labirintos, mas não amoedou a sua impressão de unutterable and self-repeating infinities *em fábulas comparáveis às de Kafka. Ortega y Gasset observa que a «psicologia» de Balzac não nos satisfaz; o mesmo podemos observar quanto aos seus enredos. A Shakespeare, a Cervantes, agrada a ideia antinómica de uma rapariga que, sem perda de formusura, consegue passar por homem; esse móbil não funciona connosco. Julgo-me livre de qualquer superstição de modernidade, de qualquer ilusão de que o ontem difere intimamente do hoje ou diferirá intimamente do amanhã; mas considero que nenhuma outra época possui romances de trama tão admirável como* The turn of the screw, *como* Der Prozess, *como* Le Voyageur sur la Terre, *como este, logrado em Buenos Aires, por Adolfo Bioy Casares.*

As ficções de índole policial — outro género típico deste século incapaz de inventar enredos — referem factos misteriosos que em seguida um facto razoável justifica e ilustra; Adolfo Bioy Casares, nestas páginas,

resolve com felicidade um problema acaso mais difícil. Desdobra uma odisseia de prodígios, que não parecem admitir outra chave senão a alucinação ou o símbolo, e acaba por os decifrar completamente por meio de um único postulado, fantástico mas não sobrenatural. O receio de incorrer em revelações prematuras ou parciais proíbe-me de examinar aqui a intriga e os numerosos requintes delicados da sua realização. Basta-me declarar que Bioy renova literariamente um conceito refutado por Santo Agostinho e Orígenes, pensado por Louis Auguste Blanqui e referido, em memorável música, por Dante Gabriel Rossetti:

I have been here before,
But when or how I cannot tell:
I know the grass beyond the door,
The sweet keen smell,
The sighing sound, the lights around [the shore...

Em espanhol, são pouco frequentes e mesmo raríssimas as obras de imaginação racionalmente articulada. Os clássicos praticaram a alegria, os exageros da sátira e, uma vez por outra, a mera incoerência verbal; de entre as obras de data recente, não recordo senão algum conto de Las Fuerzas Extrañas *e algum outro de Santiago Dabove: este último, injustamente esquecido.* A Invenção de Morel *(cujo título alude afinal a outro inventor insular, a Moreau) transpõe para as nossas terras e para o nosso idioma um género novo.*

Discuti com o seu autor os pormenores do enredo, reli-o; não me parece uma imprecisão ou uma hipérbole classificá-lo de perfeito.

Jorge Luis Borges

Buenos Aires, 2 de Novembro de 1940

Hoje, nesta ilha, aconteceu um milagre. O Verão chegou cedo. Pus a cama perto da piscina, e fiquei a tomar banho até tarde. Impossível dormir. Dois a três minutos cá fora bastavam para transformar em suor a água que me devia proteger do calor imenso. De madrugada, um fonógrafo acordou-me. Não tive tempo de voltar ao museu a buscar as minhas coisas. Fugi pelas ravinas. Estou nas terras baixas do sul, entre as plantas aquáticas, exasperado pelos mosquitos, com o mar ou riachos lamacentos até à cintura, pensando que precipitei absurdamente a minha fuga. Creio que aquela gente não vinha à minha procura; pode ser até que não me tenha visto. Mas sigo o meu destino. Desapossado de tudo, estou confinado ao lugar mais estreito, mais inóspito da ilha, aos pântanos que o mar cobre uma vez por semana.

Escrevo estas linhas para deixar um testemunho do milagre adverso. Se dentro de

poucos dias não morrer afogado, ou em luta pela minha liberdade, espero escrever a *Defesa perante os Sobreviventes* e um *Elogio de Malthus*. Atacarei nessas páginas os inimigos das florestas e dos desertos; demonstrarei que o mundo com o aperfeiçoamento do aparelho policial, dos ficheiros, do jornalismo, da radiodifusão, das alfândegas, torna irreparável todo o erro de justiça e se converte num inferno unânime para os perseguidos. Até hoje nada pude escrever senão esta folha que ontem ainda não previra. Quantas ocupações na ilha solitária! Que insuperável a dureza da madeira! Como é mais vasto o espaço que o voo da ave!

Um italiano, que vendia tapetes em Calcutá, deu-me a ideia de vir para aqui; disse-me (na sua língua):

— Para um perseguido, para si, não há senão um lugar no mundo, mas é um lugar onde se não vive. É uma ilha. Os brancos construíram, por volta de 1924, um museu, uma capela, uma piscina. As obras foram concluídas e abandonadas.

Interrompi-o; queria a sua ajuda para a viagem. O negociante continuou:

— Nem os piratas chineses, nem o barco pintado de branco do Instituto Rockefeller a visitam. A ilha é o foco de uma doença ainda misteriosa, que mata de fora para dentro. Caem as unhas, o cabelo, a pele e os olhos secam, e o corpo vive oito, no máximo quinze dias. Os tripulantes de um vapor que fundeara na ilha estavam sem pele, calvos, sem unhas — todos mortos — quando o cruzador japonês *Namura* os descobriu. O vapor foi afundado a tiros de canhão.

Mas a minha vida era tão horrível que me decidi a partir... O italiano quis dissuadir-me; consegui que me ajudasse.

A noite passada, pela centésima vez, adormeci na ilha vazia... Olhando os edifícios pensava como tinha sido difícil transportar todas aquelas pedras, e como teria sido fácil a construção de um forno de tijolo! Adormeci tarde e a música e os gritos acordaram-me de madrugada. A vida de fugitivo tornou-me o sono mais leve: tenho a certeza de que não chegou nenhum barco, nenhum avião, nenhum dirigível. No entanto, de um momento para o outro, nesta pesada noite de Verão, os flancos da colina vão cobrir-se de gente que dança, que passeia e toma banho na piscina, como veraneantes instalados há algum tempo já, nos Teques ou em Marienbad.

Dos pântanos onde as águas se misturam, vejo a parte alta da colina, os veraneantes que habitam o museu. A sua aparição inex-

plicável poderia fazer-me supor que são apenas um efeito no meu cérebro do calor de ontem à noite; mas não se trata de alucinações nem de imagens: são homens verdadeiros, pelo menos tão verdadeiros como eu próprio

Estão vestidos com roupas como as que se usavam ainda há poucos anos: graciosidade reveladora (parece-me) de uma frivolidade consumada; no entanto, tenho que reconhecer que hoje é muito comum admirarmo-nos com a magia do passado imediato.

Quem sabe porque destino de condenado à morte os olho assim, inevitavelmente, a todas as horas. Dançam entre os flancos ricos em víboras da colina. São inimigos inconscientes que, para ouvirem *Valência* e *Chá para Dois* — um poderosíssimo fonógrafo consegue sobrepô-los ao ruído do vento e do mar —, me privam de tudo o que me custou tanto trabalho e me é indispensável para não morrer, encurralando-me contra o mar nos pântanos deletérios.

É um perigo o jogo de os olhar; como qualquer grupo de civilizados devem possuir um registo de impressões digitais e de cônsules que me entregarão, se me descobrirem, após algumas cerimónias e formalidades, ao calabouço.

Estou a exagerar: olho com certo fascínio — há tanto tempo que não vejo ninguém — estes abomináveis intrusos; mas seria

impossível para mim olhá-los a todas as horas.

Primeiro: porque tenho muito trabalho; este lugar era bem capaz de matar o ilhéu mais experiente; acabei de chegar; não tenho ferramentas.

Segundo: por causa do perigo de me surpreenderem a olhá-los ou na primeira visita que façam a esta zona; se quiser evitá-lo terei que construir abrigos escondidos nos matagais.

Finalmente: porque é materialmente difícil vê-los: estão no alto da colina e para quem os espia daqui são como gigantes fugazes; posso vê-los quando se aproximam das ravinas.

A minha situação é deplorável. Cabe-me viver nestes baixos num momento em que as marés estão a subir mais do que nunca. Há poucos dias deu-se a maior que vi desde que estou na ilha.

Quando escurece vou buscar ramagens e cubro-as com folhas. Não estranho acordar na água. A maré sobe por volta das sete da manhã; às vezes chega adiantada. Mas uma vez por semana há marés cheias que me podem ser fatais. Incisões no tronco das árvores são a minha contabilidade dos dias; um erro poderia encher-me de água os pulmões.

Sinto com desagrado que este papel se está a transformar num testamento. Se tiver

que me resignar a isso, procurarei que as minhas afirmações sejam susceptíveis de verificação; de tal maneira que ninguém, achando-me alguma vez suspeito de falsidade, possa julgar que minto ao dizer que fui condenado injustamente. Colocarei este relato sob a divisa de Leonardo — *Ostinato Rigore* — e tentarei cumpri-la.

Julgo que esta ilha se chama Villings e que pertence ao arquipélago das Ellice(1). Do comerciante de tapetes Dalmacio Ombrellieri (rua Hiderabad, 21, bairro de Ramkrishnapur, Calcutá), poderão obter maiores precisões. Esse italiano alimentou-me durante vários dias que passei enrolado em tapetes persas; depois transportou-me escondido no porão de um barco. Não o comprometo, recordando-o neste diário; não estou a ser ingrato para com ele... A *Defesa perante os Sobreviventes* não deixará dúvidas: a memória dos homens — onde talvez se situe o céu — saberá na realidade que Ombrellieri foi caridoso para com o seu semelhante injustamente perseguido e, enquanto a recordação dele persistir, hão-de julgá-lo com benevolência.

Desembarquei em Rabaul; com um cartão do negociante visitei um membro da

(1) Duvido. O autor fala de uma colina e de árvores de diversas espécies. As ilhas Ellice — ou *das lagoas* — são baixas e não têm outras árvores para além dos coqueiros enraizados em pó de coral (*Nota do Editor*).

sociedade mais conhecida da Sicília; no brilho metálico da lua, no fumo das fábricas de conservas de marisco, recebi as últimas instruções e um bote roubado; remei desesperadamente, cheguei à ilha (com uma bússola que não sei ler; sem orientação; sem chapéu; doente; com alucinações); o barco encalhou nas areias de leste (sem dúvida, os recifes de coral que rodeiam a ilha estavam submersos); permaneci dentro do barco durante mais de um dia, perdido por tantos episódios de horror, esquecido de que tinha chegado.

A vegetação da ilha é abundante. Plantas, prados, flores de Primavera, Verão, Outono, Inverno, sucedem-se apressadamente, mais apressadas a nascer do que a morrer, invadindo ora o tempo e a terra das outras, ora acumulando-se irreprimivelmente. Em compensação, as árvores estão doentes; têm as copas secas, os troncos excessivamente grossos. Encontro para isso duas explicações: ou as ervas estão a comer a força da terra, ou as raízes das árvores alcançam a pedra (o facto de as árvores jovens serem saudáveis parece confirmar a segunda hipótese). As árvores da colina endureceram tanto que é impossível cortá-las; tão pouco é possível fazer seja o que for com as das terras baixas; estas desfazem-se sob a pressão dos dedos, deixando nas mãos uma serradura pegajosa, fragmentos amolecidos.

Na parte alta da ilha, que tem quatro ravinas cobertas de erva (há rochedos nas ravinas do lado oeste), estão o museu, a capela, a piscina. As três construções são modernas, angulosas, lisas, de pedra por trabalhar. A pedra, como tantas vezes acontece, parece uma má imitação e não se encontra de acordo com o estilo.

A capela é uma caixa oblonga, achatada (o que a faz parecer muito larga). A piscina está bem construída, mas, como não ultrapassa o nível do chão, enche-se irremediavelmente de víboras, sapos de várias espécies e insectos aquáticos. O museu é um edifício grande, de três andares, sem telhado visível, com um corredor à frente e outro mais pequeno atrás, e ainda uma torre cilíndrica.

Encontrei-o aberto: depois, instalei-me nele. Chamo-lhe museu, porque era assim que lhe chamava o negociante italiano. Por que razão? Quem sabe se ele próprio a conhece. Poderia ser um hotel esplêndido, para umas cinquenta pessoas, ou então um sanatório.

Tem um *hall* com bibliotecas inesgotáveis e lacunares: não há senão romances, poesia, teatro (se não se contar com um livrito — Belidor: *Travaux — Le Moulin Perse* — Paris,1937 — que estava numa consola de mármore verde e que hoje avoluma um dos bolsos destas calças em farrapos com que ando vestido. Peguei nele porque o nome «Belidor» me pareceu estranho e porque me perguntei se o capítulo *Moulin Perse* não me daria a explicação desse outro moinho que existe aqui nas terras mais baixas). Percorri as estantes em busca de auxílio para certas investigações que o meu processo interrompera e que na solidão da ilha me dispus a continuar (creio que perdemos a imortalidade porque a resistência à morte não evoluiu; os seus aperfeiçoamentos insistem numa ideia primeira, rudimentar: conservar vivo o corpo todo. Só se devia procurar conservar o que interessa à consciência).

No *hall*, as paredes são de mármore cor-de-rosa, com algumas listas verdes, semelhantes a colunas incrustadas. As janelas, com os seus vidros azuis, chegariam à altura do andar mais alto da minha casa natal. Quatro taças de alabastro, onde poderiam esconder-se quatro meias dúzias de homens, irradiam luz eléctrica. Os livros melhoram um pouco esta decoração. Uma porta dá para o corredor; outra para o salão redondo; outra, pequeníssima, tapada por um biombo, para as escadas em caracol.

No corredor começa a escadaria principal, de estuque e atapetada. Há cadeiras de palha, e as paredes estão cobertas de livros.

A sala de jantar tem cerca de dezasseis metros por doze. Sustentadas por colunas triplas de acaju, por cima de cada parede, há terraças que são como palcos para quatro

divindades sentadas—uma em cada palco—, semi-índias, semi-egípcias, ocres, de terracota; são três vezes maiores que um homem; estão rodeadas por folhas obscuras e salientes de uma vegetação de gesso. Por baixo das varandas há grandes painéis com desenhos de Fujita, que destoam (pela sua humildade).

O andar do salão redondo é um aquário. Em invisíveis caixas de vidro, dentro de água, há lâmpadas eléctricas (única iluminação dessa sala sem janelas). Recordo o lugar com repugnância. Quando cheguei estava cheio de centenas de peixes mortos: retirá-los foi uma operação horripilante; deixei a água a correr durante dias e dias, mas continuou sempre a cheirar ali a peixe podre (recordando-me as praias da minha pátria, cheias de multidões de peixes vivos e mortos, saltando das águas e infectando grandes extensões de ar, enquanto os habitantes sobrecarregados os enterram sem descanso). Com o andar iluminado e as colunas de laca negra que o rodeiam, imaginamo-nos nessa sala como se caminhássemos magicamente por cima de um lago, no meio de um bosque. Através de duas aberturas passa-se para o *hall* e para uma sala pequena, verde, com um piano, um fonógrafo e um biombo de espelhos, formado por vinte placas, ou talvez mais.

Os quartos são modernos, sumptuosos, desagradáveis. Há quinze apartamentos. No meu, procedi a obras desvastadoras, que

deram pouco resultado. Deixei de ter quadros — de Picasso —, cristais foscos, revestimentos com assinaturas preciosas, mas tive que passar a viver numa ruína incómoda.

Em duas ocasiões análogas fiz algumas descobertas nos subterrâneos. Da primeira vez — tinham começado a diminuir as provisões da despensa — estava à procura de comida e descobri a fábrica. Quando percorria o subterrâneo, notei que em parte alguma se dava com a fresta que vira do lado de fora, com vidros espessos e folhagem à volta, semioculta entre os ramos de uma conífera. Como se se tratasse de ganhar uma discussão com alguém que sustentasse que aquela fresta era irreal, uma imagem de sonho, saí para verificar se ela ainda lá estava.

Vi-a de novo. Desci ao subterrâneo e tive grande dificuldade em orientar-me de modo a encontrar, do lado de dentro, o lugar que correspondia à fresta. Estava do outro lado da parede. Procurei fendas, portas secretas. A parede era muito lisa e sólida. Pensei que numa ilha, num lugar escondido, tinha que haver um tesouro: mas decidi abrir a parede e entrar, porque me pareceu mais verosímil que houvesse ali, senão metralhadoras e munições, um depósito de víveres.

Com a barra de ferro que servia para trancar uma porta, e com fadiga crescente, abri uma brecha: por ela entrava a claridade do céu. Trabalhei muito e nessa mesma tarde penetrei no interior da parede. A minha primeira sensação não foi o desgosto de não encontrar víveres, nem o alívio de reconhecer uma bomba de água e uma fábrica de luz, mas uma admiração alegre e vasta: as paredes, o tecto, o chão, eram de porcelana celeste e até o próprio ar (nesse quarto sem outra comunicação com o dia para além de uma fresta ao alto e escondida entre os ramos de uma árvore) tinha a transparência celeste e profunda que há na espuma das cataratas.

Percebo muito pouco de motores, mas não tardei a pô-los em funcionamento. Quando se me acaba a água da chuva ponho a bomba a trabalhar. Tudo isto me surpreendeu: tanto por mim como pela simplicidade e bom estado das máquinas. Não ignoro que para reparar uma avaria, só posso contar com a minha resignação. Sou tão inábil que ainda não consegui descobrir o destino de uns motores verdes que há na mesma divisão, nem da turbina que se encontra nas terras baixas do sul (ligada ao subterrâneo por um tubo de ferro; se não estivesse tão longe da costa atribuir-lhe-ia qualquer relação com as marés; poderia imaginar que serve para carregar os acumuladores de que

a fábrica deve precisar). Graças a esta falta de habilidade economizo muito; não ponho os motores a funcionar senão quando é indispensável.

No entanto, em certa ocasião, todas as luzes do museu se conservaram acesas a noite inteira. Foi da segunda vez em que fiz descobertas nos subterrâneos.

Estava doente. Tinha a esperança de que nalguma parte do museu houvesse um móvel com remédios; em cima não havia nada; desci aos subterrâneos e ... essa noite ignorei a minha doença, esqueci que os horrores por que estava a passar somente acontecem nos sonhos. Descobri uma porta secreta, umas escadas, um segundo subterrâneo. Entrei numa câmara poliédrica — parecida com alguns refúgios contra bombardeamentos, que vira no cinema — com as paredes revestidas por chapas de dois tipos — umas de um material semelhante à cortiça, outras de mármore — simetricamente dispostas. Dei um passo: através de arcadas de pedra, em oito direcções vi repetir-se, como em espelhos, oito vezes a mesma câmara. Depois ouvi muitos passos, terrivelmente nítidos, à minha volta, por cima e por baixo, caminhando no museu. Avancei um pouco mais: os ruídos extinguiram-se. Como numa atmosfera de neve, como nas frias alturas da Venezuela.

Subi as escadas. Havia o silêncio, o ruído solitário do mar, a imobilidade atravessada por fugas de centopeias. Temi uma invasão de fantasmas, uma invasão de polícias, embora menos verosímil. Passei horas entre as cortinas, angustiado pelo esconderijo que escolhera (podia ser visto do lado de fora; se quisesse escapar-me a alguém que estivesse naquela divisão tinha que abrir a janela). Depois, ousei percorrer a casa, mas continuava inquieto: tinha ouvido passos nítidos que, em diferentes ocasiões, me rodearam, movediços.

De madrugada, desci de novo ao subterrâneo. Voltaram a rodear-me os mesmos passos próximos e à distância. Mas desta vez compreendi-os. Pouco à-vontade, continuei a percorrer o segundo subterrâneo, intermitentemente escoltado pela revoada solícita dos ecos, multiplamente só. Há nove câmaras iguais; outras cinco num subterrâneo mais abaixo. Parecem refúgios contra bombardeamentos. Quem seria a gente que, em 1924, mais ou menos, construíra este edifício? Porque o havia abandonado? Que bombardeamento temeria? É espantoso que os engenheiros que fizeram uma casa tão bem construída tenham obedecido ao preconceito moderno contra os enquadramentos, a ponto de fazerem este refúgio que põe à prova o equilíbrio mental. Os ecos de um suspiro fazem ouvir suspiros ao lado, ao longe, durante dois ou três minutos. Onde não há ecos o silêncio é tão horrível como esse peso que não nos deixa fugir em sonhos.

O leitor atento pode extrair do meu relato um catálogo de objectos, de situações, de factos mais ou menos espantosos; o último é a aparição dos actuais habitantes da colina. Devem relacionar-se estas pessoas com as de 1924? Deve ver-se nos turistas de hoje os construtores do museu, da capela, da piscina? Não me resolvo a acreditar que alguma dessas pessoas tenha interrompido um dia *Chá para Dois* ou *Valência*, para traçar o projecto desta casa, infestada de ecos — é certo — mas à prova de bombas.

Nos rochedos há uma mulher que olha os pores-de-sol, todas as tardes. Tem um lenço colorido atado na cabeça; as mãos unidas, poisadas num joelho; a sua pele deve ter sido doirada por sóis pré-natais; a julgar pelos olhos, o cabelo negro, o busto, parece uma dessas boémias ou espanholas dos quadros mais detestáveis.

Aumento pontualmente as páginas deste diário e esqueço as que hão-de desculpar-me dos anos que a minha sombra se demorou na terra (*Defesa perante os Sobreviventes* e *Elogio de Malthus*). No entanto, o que hoje escrevo será uma precaução. Estas linhas permanecerão invariáveis, apesar da flutação das minhas convicções. Hei-de ada-

ptar-me ao que sei agora: convém à minha segurança renunciar, sem limites, a qualquer auxílio de um semelhante.

Não espero nada. O facto não é horrível. Desde que o resolvi, ganhei tranquilidade.

Mas essa mulher deu-me uma esperança. Tenho que temer as esperanças.

Ela olha o entardecer todas as tardes; eu, escondido, fico a olhá-la. Ontem, e hoje outra vez, descobri que as minhas noites e dias estão à espera dessa hora. A mulher, com a sua sensualidade de cigana e com o lenço colorido grande demais, parece-me ridícula. No entanto, sinto, talvez com um pouco de humor, que se pudesse ser olhado um instante por ela, falar com ela um instante, receberia ao mesmo tempo o socorro que o homem tem nos amigos, nas noivas e nos que são do seu próprio sangue.

A minha esperança pode ser obra dos pescadores e do jogador de ténis barbudo. Hoje irritei-me ao vê-la na companhia desse falso jogador; não tenho ciúmes; mas já ontem não a vi; quando me dirigia para as rochas, os pescadores impediram-me de continuar; não me disseram nada: fugi antes de me verem. Tentei evitá-los passando pelo lado de cima; impossível; tinham amigos que,

do alto, os estavam a ver pescar. Quando regressei, o sol já se pusera, os rochedos eram as únicas testemunhas da noite.

Talvez eu esteja a preparar uma estupidez irremediável; talvez esta mulher, amornada pelos sóis de todas as tardes, me entregue à polícia.

Estou a caluniá-la; mas não posso esquecer a ameaça da lei. Os que decidem da condenação fixam o tempo do castigo, impõem proibições que nos apegam mais furiosamente à liberdade.

Agora, coberto de sujidade e de cabelos que não posso arrancar, algo envelhecido, construo a esperança da proximidade benigna de uma mulher indubitavelmente formosa.

Confio em que a minha enorme dificuldade seja momentânea: vencer a primeira impressão. Este falso impostor não me vencerá.

Em quinze dias houve três grandes inundações. Ontem a sorte salvou-me de morrer afogado. Fui quase surpreendido pelas águas. Observando as marcas da árvore, calculara para hoje a data da maré. Se de madrugada estivesse a dormir, teria morrido. A água subia muito rapidamente, com essa decisão

que exibe uma vez por semana. A minha negligência foi tão grande, que não sei hoje a que atribuir a surpresa: se a erros de cálculo meus, se a uma transitória perda de regularidade das grandes marés. Se as marés transformaram os seus costumes, a vida nestas terras baixas tornar-se-á ainda mais precária. Mas cá me hei-de arranjar. Já sobrevivi a tanta adversidade!

Vivi muito tempo doente, cheio de dores, com febre; ocupadíssimo em não morrer de fome; sem poder escrever (com esta grata indignação que devo aos homens).

Quando cheguei havia algumas provisões na despensa do museu. Num forno clássico e queimado, com farinha, sal e água, preparei uma espécie de pão intragável. Em breve estava a comer a farinha do saco, em pó (juntamente com sorvos de água). Tudo acabou: mesmo umas línguas de borrego em mau estado, mesmo os fósforos (o meu consumo era de três por dia). Como os inventores do fogo eram mais evoluídos do que nós! Trabalhei, desgastando-me ao longo de um sem fim de dias, a tentar fazer uma armadilha: quando por fim consegui pô-la a funcionar, passei a devorar pássaros sangrentos e de sabor doce. Segui a tradição dos solitários; também eu comi raízes. A dor, uma palidez húmida e espantosa, catalepsias que não me deixaram a menor recordação,

medos de sonho inesquecíveis, permitiram-me reconhecer as plantas mais venenosas [1].

Sinto-me mal: não tenho ferramentas; a região é pouco saudável, adversa. Mas, há uns meses, a minha vida actual ter-me-ia parecido um paraíso hiperbólico.

As marés de cada dia não são perigosas nem pontuais. Por vezes levantam as ramagens cobertas de folhas que estendi no chão para dormir, e a madrugada desperta-me num mar de águas lamacentas dos pântanos.

Fica-me a tarde para a caça; de manhã estou com a água até à cintura; os movimentos pesam-me como se a parte submersa do corpo fosse enorme; em compensação, há menos lagartos e víboras; os mosquitos duram todo o dia, todo o ano!

As ferramentas encontram-se no museu. Desejaria encher-me de coragem, empreender uma expedição e resgatá-las. Talvez não seja indispensável; aquela gente há-de desaparecer; talvez tenham sido alucinações.

O bote ficou fora do meu alcance, na praia de leste. Não perco grande coisa: saber que não estou preso, que posso afastar-me da ilha; mas alguma vez me pude afastar? Sei o inferno que o bote representa. Vim de Rabaul até aqui. Não tinha água para beber, não tinha chapéu. A remos,

---

(1) Viveu, sem dúvida, debaixo de árvores cheias de cocos. Não os menciona. Terá *podido* não os ver? Ou antes, seriam as árvores que, minadas pela peste, não davam fruto? (*Nota do Editor*).

o mar é interminável. A insolação, o cansaço eram maiores do que o meu corpo. Fui atacado por uma doença escaldante e sonhos que não paravam.

A minha sorte é distinguir agora as raízes comestíveis. Consegui finalmente organizar tão bem a minha vida que faço todos os trabalhos necessários e fico ainda com um pedaço para descansar. Com esta largueza sinto-me livre, feliz.

Ontem atrasei-me; hoje tive que trabalhar continuamente; mas, mesmo assim, ainda ficaram coisas para amanhã; quando tenho tanto que fazer, a mulher da tarde não me preocupa.

Ontem de manhã o mar invadiu as terras baixas. Nunca tinha visto uma maré tão grande. Ainda subia quando começou a chover (aqui as chuvas são pouco frequentes, fortíssimas, com vendavais). Tive que procurar um abrigo.

Lutando contra a encosta escorregadia, o ímpeto da chuva, o vento e as ramadas, subi à colina. Lembrei-me de me esconder na capela (o lugar mais solitário da ilha).

Encontrava-me nas divisões destinadas aos sacerdotes, para tomarem o pequeno almoço e mudarem de roupa (não vi nenhum padre ou pastor entre os ocupantes do museu), e de repente apareceram duas pessoas, duas bruscas presenças, como se não tivessem chegado, como se surgissem apenas do

meu olhar ou imaginação... Escondi-me — indeciso, desajeitado — debaixo do altar, entre sedas coloridas e rendas. Não me viram. Mas o meu assombro ainda permanece.

Passei um pedaço, imóvel, agachado, numa posição incómoda, espreitando por entre as cortinas de seda que há debaixo do altar principal, com a atenção dirigida para o ruído interposto pela tempestade, fitando as montanhas dos formigueiros, escuras, os caminhos movediços das formigas, de cor pálida e enormes, as lajes do chão deslocadas... Ouvia as gotas que caíam das paredes e do tecto, a água que rumorejava nas goteiras, a chuva a tombar no atalho vizinho, os trovões, o barulho confuso da borrasca, das árvores, do mar a rebentar na praia, o estalar das traves próximas, procurando distinguir os passos ou a voz de alguém que avançasse em direcção ao meu refúgio...

Por entre todos estes ruídos, comecei a ouvir os fragmentos de uma melodia breve, muito longínqua... Depois deixei de ouvir, e pensei que fora alguma coisa apenas como essas figuras que, segundo Leonardo, aparecem quando ficamos a olhar com alguma demora as manchas de humidade. A música voltou e eu fiquei de olhos turbados, comprazendo-me na sua harmonia, convulso antes do pavor mais completo.

Passado um momento fui à janela. A água, branca nas vidraças, sem brilho, pro-

fundamente opaca no ar, mal me deixava ver... Tive uma surpresa tão grande que não pude deixar de assomar à porta aberta.

Aqui vivem os heróis do *snobismo* (ou os hóspedes de um manicómio abandonado). Sem espectadores — ou sendo eu o público previsto desde o início — passam os limites da incomodidade suportável, desafiam a morte, afirmando a sua originalidade. Isto é verdade, não se trata de uma invenção do meu rancor... Foram buscar o fonógrafo que está no quarto verde, ao lado do salão do aquário, e, mulheres e homens, sentados em bancos ou na relva, conversavam, ouviam música e dançavam no meio de uma tempestade de água e vento que ameaçava arrancar todas as árvores.

A mulher do lenço tornou-se-me agora imprescindível. Talvez toda a minha higiene de nada esperar seja um pouco ridícula. Nada esperar da vida, para nada arriscar; dar-me por morto para não morrer. De súbito tudo isso me pareceu uma letargia imensa, inquietíssima; quero pôr-lhe fim. Após a fuga, após ter vivido sem me dar conta de um cansaço que me destruía, consegui a serenidade; as minhas decisões talvez me devolvam a esse passado ou aos juízes; prefiro-os a este purgatório sem fim.

Tudo começou há oito dias. Relatei então o milagre do aparecimento das pessoas; à tarde vi-me a tremer junto às rochas do oeste... Disse-me que tudo aquilo era banal: o tipo boémio da mulher e o meu enamoramento característico de solitário empedernido. Voltei duas tardes mais: a mulher lá estava; comecei a achar que esse era o único milagre; depois vieram os dias aziagos dos pescadores, do barbudo, da inundação, das reparações dos estragos da inundação — os dias em que não a vi. Hoje é tarde...

Estou assustado; mas, mais insistentemente ainda, descontente comigo. Devo agora esperar que os intrusos apareçam a todo o momento; se se demorarem, *malum signum:* virão prender-me. Esconderei este diário, prepararei uma explicação e aguardá-los-ei não muito longe do bote, decidido a lutar, a fugir. Contudo, não são os perigos que me dão que fazer. Sinto-me muito pertubado: houve descuidos que podem privar-me da mulher, para sempre.

Depois de tomar banho, limpo e mais hirsuto (por causa da humidade na barba e no cabelo), fui vê-la. Tinha traçado o seguinte plano: esperá-la nas rochas; a mulher, ao chegar, encontrar-me-ia mergulhado na contemplação do poente; a surpresa, o provável medo, teriam tempo de se converter em curiosidade; a comum devoção pela tarde actuaria favoravelmente; ela havia de me perguntar quem eu era; ficaríamos amigos...

Cheguei tardíssimo. (A minha falta de pontualidade desespera-me: pensar que nessa corte de vícios chamada mundo civilizado, em Caracas, foi um enfeite trabalhado, um dos meus traços mais pessoais!).

Estraguei tudo: ela estava a olhar o entardecer e eu surgi bruscamente por trás de umas pedras. Inesperado, hirsuto, visto debaixo, os meus atributos assustadores devem tornar-se ainda mais intensos.

Os intrusos devem chegar de um momento para o outro. Não preparei qualquer explicação. Não tenho medo.

Esta mulher não é só uma falsa cigana. Admira-me a sua coragem. Nada denunciou nela que me vira. Nem um pestanejar, nem o mais leve sobressalto.

O sol estava ainda por cima da linha do horizonte (não o sol; a aparência do sol; era nesse momento em que ele já se pôs ou vai pôr-se, e já não está onde o vemos). Eu tinha à pressa escalado as pedras. Vi-a: o lenço de cores, as mãos cruzadas nos joelhos, o seu olhar que aumenta o mundo. A minha respiração tornou-se irreprimível. Os penhascos, o mar, pareciam tremer.

Enquanto pensava em tudo isto, ouvi o mar com o seu ruído de movimento e de fadiga, ao meu lado, como se se tivesse vindo pôr ao meu lado. Sosseguei um pouco. Não era provável que se ouvisse a minha respiração.

Então, para adiar o momento de falar com ela, descobri uma antiga lei psicológica. Convinha-me falar de um lugar alto, que me permitisse olhá-la de cima. Esta maior altura material contrabalançaria, em parte, as minhas inferioridades.

Subi a outras rochas. O esforço piorou o meu estado. Pioraram-no igualmente:

A pressa: impusera-me a obrigação de lhe falar naquele mesmo dia. Se quisesse evitar que ela se sentisse desconfiada — por causa do lugar solitário, por causa do escurecer — não podia esperar nem mais um minuto.

Vê-la: como se posasse para um fotógrafo invisível, ela tinha a calma da tarde, mas ainda mais imensa. E eu ia interrompê-la.

Dizer fosse o que fosse era uma expedição alarmante. Eu não sabia se tinha voz.

Olhei-a, escondido. Receei que me surpreendesse a espiá-la; surgi, talvez com demasiada rapidez, perante o seu olhar; no entanto, a paz do seu peito não se alterou; o olhar dispensava-me, como se eu fosse invisível.

Não me detive.

— Minha senhora, escute-me — disse na esperança de que ela não acedesse à minha súplica, porque estava tão emocionado que me esquecera do que ia dizer-lhe. A palavra *senhora* parecia ter um som ridículo na ilha.

Além disso a frase fora demasiado imperativa (combinada com o meu aparecimento repentino, a hora, a solidão).

Insisti:

— Compreendo que não se digne...

Não consigo recordar, exactamente, as minhas palavras. Estava quase inconsciente. Falei-lhe em voz comovida e baixa, com uma compostura que sugeria obscenidades. Voltei a cair no *minha senhora.* Renunciei às palavras e pus-me a olhar o poente, esperando que a visão compartilhada dessa calma nos aproximasse. Voltei a falar. O esforço com que tentava dominar-me tornava-me a voz mais baixa, aumentava a obscenidade do tom. Passaram mais alguns minutos de silêncio. Insisti, implorei, de modo repugnante. No fim fui excepcionalmente ridículo: a tremer, quase aos gritos, pedi-lhe que me insultasse, que me denunciasse, mas que não continuasse em silêncio.

Não foi como se não me tivesse ouvido, como se não me tivesse visto; foi como se os ouvidos dela não servissem para ouvir, como se os seus olhos não servissem para ver.

De certo modo insultou-me; demonstrou que não tinha medo. Era já de noite quando pegou na saca da costura e se encaminhou rapidamente para a parte mais alta da colina.

Os homens ainda não vieram buscar-me. Talvez não venham esta noite. Talvez esta mulher seja para com todos tão assombrosa que não lhes tenha referido a minha presença. A noite está escura. Conheço bem a ilha: de noite, não tenho medo de que todo um exército me persiga.

Foi, outra vez, como se não me tivesse visto. Não cometi outro erro para além de permanecer calado e deixar que se restabelecesse o silêncio.

Quando a mulher chegou às rochas, estava eu a olhar o poente. Ela começou por ficar imóvel, procurando um sítio para estender a manta. Depois avançou para mim. Se esticasse o braço, tê-la-ia tocado. Esta possibilidade horrorizou-me (como se tivesse corrido o perigo de tocar num fantasma). No seu prescindir de mim havia algo de espantoso. Contudo, sentando-se ao meu lado desafiava-me e, de certo modo, punha fim à sua indiferença.

Tirou um livro do saco e pôs-se a ler. Aproveitei essa trégua para serenar um pouco.

Depois, quando a vi largar o livro, erguer o olhar, pensei: «Prepara-se para me interpelar». Mas não foi isso que aconteceu. O silêncio aumentava, ineludível. Compreendi

toda a gravidade de o não quebrar; mas, sem obstinação, sem motivo, continuei calado.

Nenhum dos seus companheiros veio em minha busca. Talvez ela não lhes tenha falado de mim; talvez o meu conhecimento da ilha os inquiete (por isso a mulher volta todos os dias, simulando um episódio sentimental). Desconfio. Estou pronto para surpreender a conspiração mais silenciosa.

Descobri em mim uma inclinação para prever, exclusivamente, consequências funestas. Formou-se nos últimos três ou quatro anos; não é casual; é doentia. O facto de a mulher voltar, a proximidade de mim que procurou, tudo isso parece indicar uma inflexão demasiado feliz para me ser possível imaginá-la... Talvez eu esteja a esquecer-me das minhas barbas, dos meus anos, da polícia que me perseguiu tanto, que deve andar ainda atrás de mim, obstinada, como uma maldição eficaz. Não devo permitir-me esperanças. Escrevo-o, e surge-me uma ideia que é uma esperança. Não creio ter insultado a mulher, mas talvez um desagravo fosse oportuno. Que faz um homem em ocasiões dessas? Manda flores. Trata-se de um projecto ridículo... mas até as banalidades, quando são humildes, podem governar por completo o coração. Na ilha há muitas flores. Quando cá cheguei havia alguns maciços à volta da piscina e do museu. Poderei com certeza fazer um jardinzito no prado

que ladeia os rochedos. Talvez a natureza me possa servir para conquistar a intimidade de uma mulher. Talvez me sirva para acabar com o silêncio e as cautelas. Será este o meu último recurso poético. Nunca tentei combinar as cores; não percebo quase nada de pintura... Contudo espero poder fazer um trabalho modesto,, denotando o meu bom gosto em jardinagem.

Levantei-me de madrugada. Sentia que o mérito do meu sacrifício me bastava para realizar o trabalho.

Fui ver as flores (abundantes na parte baixa das ravinas). Arranquei as que me pareceram menos desagradáveis. Até as de cor vaga têm uma vitalidade quase animal. Depois de um pedaço, observei-as para as pôr em ordem, porque já não me cabiam debaixo do braço: tinham morrido.

Ia renunciar ao meu projecto, mas lembrei-me de que um pouco mais acima, à vista do museu, há outro lugar com muitas flores... Como era cedo, não me pareceu perigoso ir lá vê-las. Os intrusos certamente estavam a dormir.

Essas flores são pequenas e ásperas. Cortei umas quantas. Não têm a mesma monstruosa urgência das outras em morrer.

Os seus inconvenientes são o tamanho e o facto de estarem à vista do museu.

Passei quase toda a manhã arriscando-me a ser descoberto por qualquer pessoa que

tivesse tido a coragem de se levantar antes das dez. Parece-me que esse tão modesto requisito da calamidade não se verificou. Ao longo da minha tarefa de colher as flores, vigiei o museu e não vi nenhum dos seus ocupantes; é o que me permite supor que tão pouco eles me viram a mim.

As flores são muito pequenas. Vou ter que plantar milhares e milhares delas se não quiser que o jardinzito seja minúsculo (seria mais bonito, e mais fácil de fazer; mas haveria o perigo de ela não o ver).

Apliquei-me ao arranjo dos canteiros, a rasgar a terra (está muito dura e as superfícies crestadas são muito extensas), a regar com água da chuva. Quando tiver acabado de preparar a terra, terei que ir buscar mais flores. Farei o possível para não me surpreenderem, e, sobretudo para não me interromperem o trabalho, ou o verem antes de estar pronto. Esqueci-me de que os movimentos das plantas têm exigências cósmicas.

Não posso acreditar que depois de tanto perigo, de tanto cansaço, as flores não cheguem vivas ao pôr-do-sol. Careço de sentido estético para jardins; de qualquer maneira, entre as ervas e o mato seco, o meu trabalho terá um efeito comovente. Será, naturalmente, uma fraude; segundo o meu plano, hoje à tarde será um jardim bem tratado; amanhã talvez esteja morto ou sem flores (se houver vento).

Envergonha-me um pouco declarar o meu projecto. Uma imensa mulher sentada, olhando o poente, com as mãos unidas sobre os joelhos; um homem pequeno, feito de folhas, ajoelhado diante da mulher (por baixo desta figura porei a palavra EU entre parêntesis).

Haverá esta inscrição:

Sublime, não longínqua e misteriosa,
Com o silêncio vivo que há na rosa.

O meu cansaço é quase uma doença. Tenho ao meu alcance o paraíso de estar deitado debaixo das árvores até à seis da tarde. Vou deixá-lo para depois. O pretexto é agora o de que os meus actos me hão-de levar a um dos três dos meus futuros: a companhia da mulher, a solidão (ou seja a morte em que passei os últimos anos, impossível depois de a ter contemplado), o horror da justiça. Mas a qual? Sabê-lo a tempo é difícil. Contudo a redacção e a leitura destas memórias podem ajudar-me nessa previsão tão útil; talvez me permitam também cooperar na produção do futuro favorável.

Trabalhei como um artesão prodigioso; a obra excede toda a relação com os movimentos que a fizeram. Talvez a magia dependa disto: tive que aplicar-me a cada uma das partes, à dificuldade de plantar cada

uma das flores, alinhando-a pela que a precedia. O andamento do trabalho não permitia prever a obra acabada; esta podia ser, de modo indistinto, um conjunto desordenado de flores ou uma mulher.

Todavia, a obra não parece ter sido resultado de um improviso; a sua beleza satisfaz. Não pude realizar o meu projecto. Na imaginação não é mais difícil uma mulher sentada que uma mulher de pé; mas feita de flores a primeira é quase impossível. A mulher encontra-se de frente, com os pés e a cabeça de perfil, contemplando um pôr do sol. O rosto e um lenço de flores violetas formam a sua cabeça. A pele não ficou bem. Não consegui obter aquela cor adusta que me repugna e me atrai. O vestido é de flores azuis; debruado a branco. O sol, fi-lo com uma estranha espécie de girassóis que existem por aqui. O mar, com as mesmas flores que o vestido. Eu estou de perfil, ajoelhado. Sou de dimensões reduzidas (tenho cerca de um terço das da mulher) e verde, feito de folhas.

Modifiquei a inscrição. A primeira era grande demais para a fazer com flores. Converti-a nesta outra:

Nesta ilha desvelaste a minha morte.

Regozijava-me por ser um morto insone. Por causa desse prazer, descurei-me um

pouco no capítulo da cortesia; na frase podia pressentir-se uma acusação implícita. Voltei, no entanto, à ideia. Creio que estava cego pela vontade de me apresentar como um ex-morto e pela descoberta literária ou refinada de que a morte era impossível ao lado daquela mulher. Com a sua monotonia, as aberrações eram quase monstruosas:

Há nesta ilha um morto que acordaste

ou:

Já não estou morto: estou enamorado.

Mas perdi a coragem. A inscrição de flores diz:

Tímida homenagem a um amor.

Tudo se passou no quadro da normalidade mais previsível, mas de modo inesperadamente benigno. Estou perdido. Ao lavrar o meu pequeno jardim cometi um erro furioso, como Ajax — ou qualquer outro nome grego já esquecido — quando cravou a lâmina nos animais; mas neste caso sou eu os animais acutilados.

A mulher chegou mais cedo do que habitualmente. Deixou o saco (com um livro meio de fora) numa rocha, e numa outra,

mais lisa, desdobrou a sua manta. Trazia um fato de ténis; um lenço, quase violeta, na cabeça. Esteve a olhar um pedaço para o mar, como que adormecida; depois levantou-se e foi buscar o livro. Moveu-se com essa liberdade que temos quando estamos sós. Passou, ao ir e ao vir, junto do meu jardinzinho, mas fingiu não o ver. Não estava ansioso, por que ela o visse; pelo contrário, quando a mulher apareceu, compreendi o meu espantoso equívoco, doía-me não poder anular uma obra que me condenava para sempre. Fui-me tranquilizando, talvez perdendo a consciência. A mulher abriu o livro, poisou uma mão entre as páginas. Continuou a olhar a tarde. Não partiu até ao anoitecer.

Agora consolo-me reflectindo sobre a minha condenação. Terá ou não sido justa? Que hei-de esperar depois de lhe ter dedicado este jardinzito de mau gosto? Acredito, sem revolta, que a obra não deverá perder-me, uma vez que tenho capacidade para a criticar. Para um ser omnisciente, eu não sou o homem que o jardim pode fazer temer. Todavia, criei-o.

Diria que nele se manifestam os perigos da criação, a dificuldade de se ser portador de várias consciências de modo equilibrado e simultâneo. Mas para que serve isto? São consolações de fraqueza. Tudo se perdeu: a vida com esta mulher, a solidão do passado. Sem refúgio persisto neste monólogo, doravante injustificável.

Apesar dos nervos, hoje senti-me inspirado, enquanto a tarde se desfazia comungando da serenidade sem contágio, da magnificiência da mulher. Este bem-estar voltou a tomar-me à noite; sonhei com o lupanar de mulheres cegas que visitei com Ombrellieri, em Calcutá. Apareceu a mulher e o lupanar ia-se transformando num rico palácio florentino, cheio de estuques. Confusamente, exclamei: que romântico! — choroso de felicidade poética e de vanglória.

Mas despertei algumas vezes, angustiado pela minha falta de merecimento diante da tão severa delicadeza da mulher. Não o esquecerei: o desagrado que o meu jardinzito horrendo lhe provocou dominou-a, e ela fingiu piedosamente não o ter visto. Angustiava-me também ouvir *Valência* e *Chá para Dois* que um fonógrafo excessivo repetiu até ao pôr do sol.

Tudo o que escrevi sobre o meu destino — com esperança ou com medo, trocista ou a sério — me mortifica.

O que sinto é desagradável. Parece-me que sabia de há muito o alcance funesto dos meus actos, e que insisti com frivolidade e obstinação... Teria podido comportar-me

assim num sonho, na loucura... Durante a sesta de hoje, como um comentário simbólico e antecipado, tive um sonho; enquanto jogava uma partida de *croquet*, soube que a acção do meu jogo estava a matar um homem. Depois, era irremediavelmente eu próprio esse homem.

O pesadelo agora continua... o meu fracasso é definitivo, e para aqui estou a contar sonhos. Quero acordar, e deparo com essa resistência que barra a saída dos sonhos mais atrozes.

Hoje a mulher quis que eu sentisse a sua indiferença. Conseguiu-o. Mas a sua táctica é desumana. Embora seja eu a vítima, julgo ver o problema com objectividade.

Ela vinha com o horroroso jogador de ténis. A presença desse homem devia bastar para acalmar os ciúmes. É muito alto. Trazia um saco de ténis, grená, grande demais, calças brancas e sapatos brancos e amarelos, desmedidos. A barba parecia postiça. A pele é feminina, cor de cera, marmórea nas fontes. Os olhos são escuros; os dentes, abomináveis. Fala devagar, abrindo muito a boca, pequena, redonda, articulando infantilmente, exibindo uma língua diminuta, redonda, carmesim, sempre colada aos dentes inferiores. As mãos são muito grandes, pálidas, adivinho nelas um ténue revestimento de humidade.

Escondi-me prontamente. Ignoro se ela me viu. Suponho que sim, porque em momento algum pareceu procurar-me com o olhar.

Estou certo de que, até mais tarde, o homem não reparou no jardinzito. Ela fingiu não o ver.

Ouvi algumas exclamações em francês. A seguir ficaram sem falar. Continuavam como que bruscamente entristecidos, olhando o mar. O homem disse qualquer coisa. Cada vez que uma onda se quebrava contra a pedra, eu dava dois ou três passos, rapidamente, aproximando-me. Eram franceses. A mulher moveu a cabeça; não ouvi o que disse, mas tratava-se sem dúvida de uma negativa; tinha os olhos fechados e sorria com amargura ou com êxtase.

— Acredite-me, Faustine — disse o barbudo com desespero mal contido, e eu soube assim o nome: Faustine. (Mas perdeu toda a importância.)

— Não... já sei de que anda à procura...

Sorria, sem amargura nem êxtase, frivolamente. Lembro-me de que naquele momento a odiei. Estava a brincar com o barbudo e comigo.

— É uma desgraça não nos entendermos. O prazo é breve: três dias, e já nada mais importará.

Não compreendo bem a situação. Este homem tem que ser meu inimigo. Pareceu-me triste; não me espantaria se a sua tris-

teza fosse fingida. A atitude de Faustine é insuportável, quase grotesca.

O homem quis tirar importância às suas palavras anteriores. Disse várias frases que, mais ou menos, significavam:

— Não há motivos de preocupação. Não vamos passar a eternidade a discutir...

— Morel — respondeu estouvadamente Faustine —, sabe que o acho misterioso?

As perguntas de Faustine não lograram arrancá-lo ao seu tom de gracejo.

O barbudo foi-lhe buscar o lenço e a bolsa. Estavam numa rocha, a poucos metros. Voltou agitando-os e dizendo:

— Não leve a sério o que lhe disse... às vezes penso que se despertar a sua curiosidade... Mas não fique aborrecida...

À ida e à vinda passou por cima do meu pobre jardinzito. Ignoro se conscientemente ou se com uma inconsciência irritante. Faustine viu-o, juro que o viu, e não quis poupar-me esse insulto; continuou a interrogá-lo sorridente, interessada, quase *rendida* pela curiosidade. A sua atitude parece-me ignóbil. Sem dúvida, o jardinzito é de péssimo gosto. Mas para quê, deixá-lo espezinhar por um barbudo? Não estou eu já espezinhado o bastante? Mas que poderá esperar-se de gente desta? O tipo de ambos corresponde ao ideal sempre procurado pelos organizadores de grandes séries de postais indecentes. Harmonizam um com o outro: um barbudo

pálido e uma enorme cigana de olhos desmedidos... Até julgo tê-los visto já nas melhores colecções do Pórtico Amarillo, em Caracas.

Porém, posso perguntar-me: que hei-de pensar? Certamente que é uma mulher detestável. Mas de que estará à espera? Talvez esteja a fazer o seu jogo comigo e com o barbudo. Mas também é possível que o barbudo não passe de um instrumento para o seu jogo comigo. Não se importa de fazê-lo sofrer. Talvez Morel não seja mais que uma ênfase da sua ignorância de mim, e um sinal de que esta se aproxima do seu ponto máximo e do seu termo.

Mas, se não for... Há já tanto tempo que não me vê... Creio que vou matá-la ou enlouquecer se continuar assim. Por instantes penso que a insalubridade extraordinária da parte sul desta ilha deve ter-me tornado invisível. Seria uma vantagem: poderia raptar Faustine sem qualquer perigo...

Ontem não fui às rochas. Muitas vezes garanti a mim próprio que não iria hoje. A meio da tarde soube que iria. Faustine não veio e quem sabe quando voltará. O seu divertimento comigo terminou (com o espezinhar do jardinzito). Agora a minha presença enfastiá-la-á como um gracejo que fez rir em certa ocasião e que alguém teima em

repetir. Encarregar-me-ei de que não se repita.

Mas nas rochas estava como louco: «É culpa minha», dizia para comigo (o facto de Faustine não aparecer), «por ter estado tão resolvido a faltar eu próprio».

Subi à ruína. Saí de trás de um grupo de plantas e encontrei-me frente a dois homens e uma senhora. Detive-me, deixei de respirar; entre nós não havia nada (cinco metros de espaço vazio e crepuscular). Os homens estavam de costas para mim; a senhora estava de frente, sentada, fitando-me. Vi-a estremecer. Bruscamente virou-se, pôs-se a olhar na direcção do museu. Escondi-me atrás de umas plantas. Ela disse numa voz alegre:

— Não são horas para histórias de fantasmas. Vamos para dentro.

Todavia, não sei se estavam realmente a falar de histórias de fantasmas ou se os fantasmas apareceram na frase para anunciar que acontecera algo de estranho (a minha aparição).

Partiram. Um homem e uma mulher caminhavam, não muito longe. Receei que me surpreendessem. O par aproximou-se mais. Ouvi uma voz conhecida:

— Hoje não fui ver...

(Senti palpitações. Pareceu-me que eu estava a ser referido naquela cláusula).

— Tens muita pena?

Não sei o que lhe disse Faustine. O barbudo fizera progressos. Tratavam-se por tu.

Voltei às terras baixas decidido a ficar nelas até que o mar me leve. Se os intrusos vierem buscar-me, não me entregarei, não escaparei.

A minha decisão de não aparecer a Faustine durou quatro dias (auxiliada por duas marés que me deram que fazer).

Fui cedo para as rochas. Depois chegaram Faustine e o falso jogador de ténis. Falavam correctamente francês; muito correctamente; quase como sul-americanos.

— Perdi toda a sua confiança?

— Toda.

— Antes acreditava em mim.

Notei que já não se tratavam por tu; mas depois lembrei-me de que as pessoas, quando começam a tutear-se, não podem deixar de voltar de vez em quando ao «você». Talvez tenha pensado isto influenciado pela conversa que estava a ouvir. Esta continha também uma ideia de regresso ao passado, mas em relação a outros temas.

— E acreditaria em mim se pudesse levá-la até um pouco antes dessa tarde em Vincennes?

— Nunca mais poderei acreditar em si. Nunca mais.

— A influência do futuro sobre o passado — disse Morel, com entusiasmo e em voz muito baixa.

Depois ficaram em silêncio, olhando o mar. O homem falou como se quebrasse uma angústia opressiva:

— Acredite em mim. Faustine...

Pareceu-me obstinado. Continuava com as mesmas súplicas que eu lhe ouvira oito dias antes.

— Não... Já sei de que está à procura.

As conversas repetem-se: são injustificáveis. Aqui não deve o leitor imaginar que está a descobrir o fruto amargo da minha situação; não deve tão pouco comprazer-se com a associação demasiado fácil das palavras *perseguido*, *solitário*, *misantropo*. Estudei o tema antes do processo: as conversas são um intercâmbio de notícias (exemplo: intelectuais) já sabidas ou compartilhadas pelos interlocutores. Move-as exclusivamente o gosto de falar, de dar expressão a acordos e desacordos.

Olhava-os, ouvia-os, senti que se passava algo de estranho: não sabia o que era. Estava indignado com aquele ridículo canalha.

— Se lhe dissesse que tudo aquilo que procuro...

— Eu insultava-o?

— Ou então compreendíamo-nos. O prazo é breve. Três dias. É uma desgraça não nos entendermos.

Com lentidão na minha consciência, pontuais na realidade, as palavras e os movimentos de Faustine e do barbudo coincidiram com as suas palavras e movimentos de há oito dias. O atroz eterno retorno. Incompleto: o meu jardinzito mutilado, da outra vez, pelos pés de Morel, é hoje um lugar lamacento, com vestígios de flores mortas esmagadas contra a terra.

A primeira impressão alegrou-me. Julguei ter feito a seguinte descoberta: nas nossas atitudes devem existir inesperadas, constantes, repetições. Foi a ocasião favorável que me permitiu observá-lo. Ser testemunha clandestina de várias entrevistas das mesmas pessoas não é frequente. Como no teatro, as cenas repetem-se.

Ao ouvir Faustine e o barbudo, eu ia corrigindo a minha recordação da conversa anterior (transcrita de memória umas páginas atrás).

Temi que esta descoberta fosse apenas efeito de alguma fraqueza das minhas recordações, ou da comparação de uma cena real com uma simplificação feita de esquecimentos.

Depois, com uma cólera premente, suspeitei de que tudo fosse uma representação burlesca, uma farsa dirigida contra mim.

Devo explicar-me. Nunca duvidei de que o mais conveniente seria procurar que Faustine sentisse a exclusividade da nossa impor-

tância (e que o barbudo não contava). No entanto, começara a ter vontade de castigar esse indivíduo, a divertir-me com a ideia sem consequências de o enfrentar de algum modo que o cobrisse de ridículo.

Chegara a ocasião. Como aproveitá-la? Procurei com aplicação pensar (tomado inteiramente pela raiva).

Imóvel, como se reflectisse, estive à espera do momento de lhe sair ao caminho. O barbudo foi buscar o lenço e a bolsa de Faustine. Regressava agitando-os, dizendo (como da outra vez):

— Não leve a sério o que lhe disse... às vezes creio...

Estava a poucos metros de Faustine. Eu levantei-me muito decidido a fazer qualquer coisa, que não era coisa nenhuma em particular. A espontaneidade é fonte de grosserias. Apontei para o barbudo, como se estivesse a apresentá-lo a Faustine e disse gritando:

— *La femme à barbe, Madame Faustine!*

Não era um gracejo feliz; nem sequer se sabia contra quem se dirigia.

O barbudo continuou a andar na direcção de Faustine e não tropeçou em mim porque me atirei para o lado, bruscamente. A mulher não interrompeu as perguntas; não interrompeu a alegria do seu rosto. A sua tranquilidade ainda me apavora.

Desde esse momento até hoje à tarde estive mergulhado em vergonha, com vontade de me lançar de joelhos aos pés de Faustine. Não fui capaz de esperar até ao pôr do sol. Dirigi-me à colina, resolvido a perder-me, e com um pressentimento de que, se tudo corresse pelo melhor, cairia numa cena de súplicas melodramáticas. Enganava-me. O que acontece não tem explicação. A colina está desabitada.

Quando vi a colina desabitada temi descobrir a explicação numa cilada que estivesse já em andamento. Sobressaltado percorri todo o museu escondendo-me de quando em quando. Mas bastava olhar os móveis e as paredes como que revestidos de isolamento, para acreditar que ali não havia ninguém. Mais ainda: que nunca houvera ninguém. É difícil, após uma ausência de quase vinte dias, poder afirmar que todos os objectos de uma casa de tantas divisões se encontram no mesmo sítio em que estavam quando a deixámos; mas aceito como uma evidência para mim, que aquelas quinze pessoas (com outras tantas a servi-las) não tinham deslocado um banco, uma lâmpada ou — se deslocaram alguma coisa — voltaram a pôr tudo no seu lugar, na posição anterior. Inspeccionei a cozinha, a lavandaria: a comida

que deixara há vinte dias, roupa (roubada de um armário do museu) posta a secar há vinte dias, estavam, uma podre, a outra seca, ambas intactas.

Gritei na casa vazia: Faustine! Faustine! Não houve resposta.

Há dois factos — um facto e uma recordação — que vejo agora juntos, numa proposta de explicação. Nos últimos tempos dedicara-me a provar novas raízes. Julgo que no México os índios conhecem uma beberagem preparada com sumo de raízes —é esta a recordação (ou o esquecimento)— que provoca delírios durante muitos dias. A conclusão (referente à estada de Faustine e dos seus amigos na ilha) é logicamente admissível; no entanto, eu teria que estar a brincar para a levar a sério. Pareço estar a brincar: perdi Faustine, e considero estes problemas como se eles se apresentassem a um observador hipotético, a um terceiro.

Mas lembrei-me, incrédulo, da minha condição de fugitivo e do poder infernal da justiça. Talvez fosse tudo um estratagema desmedido. Não devia deixar-me abater, não devia enfraquecer a minha capacidade de resistência: a *catástrofe* podia ser medonha.

Inspeccionei a capela, os subterrâneos. Decidi observar toda a ilha antes de me deitar. Fui às rochas, às pradarias da colina, às praias, às terras baixas (por um excesso de prudência). Tive que admitir que os intrusos não estavam na ilha.

Quando voltei ao museu era quase de noite. Estava nervoso. Ansiava pela claridade da luz eléctrica. Experimentei um grande número de interruptores; não havia luz. Com isto parece confirmada a minha opinião de que são as marés que devem fornecer energia aos motores (por meio desse moinho hidráulico ou turbina que se encontra nas terras baixas). Os intrusos gastaram a luz. Desde as duas últimas marés houve um intervalo prolongado de calmaria. Terminou naquela mesma tarde, quando eu entrava no museu. Tive que fechar tudo; parecia que o vento e o mar iam destruir a ilha.

No primeiro subterrâneo, entre motores descomunais na penumbra, senti-me peremptoriamente abatido. O esforço indispensável para me suicidar era supérfluo, já que, desaparecida Faustine, nem sequer me restava a satisfação anacrónica da morte.

À guisa de compromisso, para justificar a minha descida até lá abaixo, tentei pôr a fábrica de luz a funcionar. Houve algumas explosões débeis e a calma interior voltou a instalar-se, no meio de uma tormenta que agitava os ramos de um cedro contra o vidro espesso da fresta de iluminação.

Não me recordo de como saí. Ao chegar cá acima ouvi um motor; a luz, com uma rapidez oblíqua tudo alcançou e pôs-me diante de dois homens: um vestido de branco, outro de verde (um cozinheiro e um criado). Não sei qual deles perguntou (em espanhol):

— Não me quer dizer por que escolheu este lugar perdido?

— Ele deve sabê-lo (também em espanhol).

Escutei ansioso. Era outra gente. Estes recém-aparecidos (no meu cérebro castigado por privações, tóxicos e sóis, ou nesta ilha tão mortal) eram ibéricos e as frases deles levavam-me à conclusão de que Faustine não tinha regressado.

Os dois continuavam a falar em voz tranquila, como se não tivessem ouvido os meus passos, como se eu ali não estivesse.

— Não o nego; mas como é que isso ocorreu a Morel?...

Interrompeu-os um homem que disse com ira:

— Até quando? A comida está pronta há uma hora.

Olhou-os com fixidez (com tanta fixidez que perguntei para comigo se ele não estaria a lutar contra uma inclinação a fitar-me) e a seguir desapareceu, aos gritos. O cozinheiro foi atrás dele; o criado correu em sentido oposto.

Eu esforçava-me por serenar, mas estava a tremer. Um gongo soou. A minha vida passou por momentos em que até heróis teriam admitido o medo. Creio que mesmo agora ainda não estariam tranquilos. Mas naquela altura o horror concentrou-se. Por sorte durou pouco. Recordei aquele gongo. Vira-o muitas vezes na sala de jantar. Quis fugir. Acalmei um pouco mais. Fugir era verdadeiramente impossível. A tempestade, o bote, a noite... Se a tempestade se desvanecesse, não seria menos terrível entrar pelo mar dentro, nessa noite sem lua. Além disso, o bote não lograria flutuar durante muito tempo... Quanto às terras baixas, estavam certamente inundadas. A minha fuga terminar-se-ia muito em breve. Mais valia ouvir; vigiar os movimentos daquela gente; esperar.

Olhei à volta e escondi-me (sorrindo para dar forma à minha força) num quartito que existe debaixo das escadas. Foi (pensei-o mais tarde) um gesto desastrado. Se me procurassem, iriam inspeccionar ali, sem dúvida. Estive um pedaço sem pensar, muito tranquilo, mas ainda confuso.

Apresentaram-se-me dois problemas:

Como tinham eles chegado à ilha? Com aquela tormenta, nenhum capitão se teria atrevido a aproximar-se; supor um transbordo e um desembarque por meio de bote era absurdo.

Quando tinham chegado? A comida estava pronta desde há um bom pedaço;

não havia um quarto de hora desde que eu descera até aos motores, quando ainda não se encontrava ninguém na ilha.

Tinham pronunciado o nome de Morel. Tratava-se com certeza de um regresso das mesmas pessoas. É provável, pensei com frémito, que eu vá de novo ver Faustine.

Decidi aparecer, no pressentimento de uma brusca detenção, fim das minhas perplexidades.

Não havia ninguém.

Subi as escadas, avancei pelos corredores de cima; de uma das quatro balaustradas, entre folhas escuras e uma divindade de barro cozido, debrucei-me para a sala de jantar.

Estavam pouco mais de uma dúzia de pessoas sentadas à mesa. Imaginei que fossem turistas neo-zelandeses ou australianos; pareceram-me bem instalados, com todo o ar de não se prepararem para partir de um momento para o outro.

Recordo-me bem: vi o conjunto, comparei-o com um grupo de turistas, descobri que não pareciam apenas de passagem e só a seguir pensei em Faustine. Tive uma surpresa propícia: o barbudo não se encontrava ao lado de Faustine; alegria precária: o barbudo não estava ao lado dela (mas antes de poder acreditar no que via, descobri-o em frente de Faustine).

As conversas esmoreciam. Morel propôs o tema da imortalidade. Falou-se de viagens, de festas, de métodos (alimentares). Faustine e uma rapariga ruiva falaram de remédios. Alec, um homem novo, escrupulosamente penteado, de tipo oriental e olhos verdes, tentou contar os seus negócios de lãs, sem obstinação nem êxito. Morel entusiasmou-se com os planos de um relvado de jogos ou de um campo de ténis para a ilha.

Conheci um pouco melhor a gente do museu. À esquerda de Faustine havia uma mulher — Dora? — de cabelo ruivo, frisado, muito risonha, com a cabeça grande e ligeiramente encurvada para a frente, como a de um cavalo brioso. Do outro lado, tinha um homem novo, moreno, de olhos vivos e sobrolho carregado de concentração e pêlos. Depois havia uma rapariga alta, de peito achatado, braços muito grandes e com uma expressão de repugnância. Esta mulher chama-se Irene. Depois, a que tinha dito *não são horas para contar histórias de fantasmas,* na outra noite em que eu subira à colina. Dos outros, não me recordo.

Em pequeno eu brincava a fazer descobertas nas imagens dos livros: olhava-as por muito tempo e os objectos iam surgindo,

interminavelmente. Fiquei um pedaço, contrariado, fitando os painéis com mulheres, tigres ou gatos, de Fujita.

As pessoas foram depois para o *hall*. Durante muito tempo, com excessivo terror — os meus inimigos estavam ou no *hall* ou nos subterrâneos (o pessoal) — desci pelas escadas de serviço até à porta escondida atrás do biombo. A primeira coisa que vi foi uma cara de mulher a fazer um trabalho de tecelagem junto a uma das taças de alabastro; essa mulher chamada Irene e uma outra, dialogando; procurei melhor e em riscos de ser descoberto vi Morel a uma das mesas, com cinco pessoas, a jogar cartas; a rapariga que estava de costas era Faustine; a mesa era pequena, os pés confundiam-se por baixo dela e eu passei alguns minutos, talvez muitos, insensível a tudo o mais, tentando averiguar se os pés de Morel e os de Faustine estavam em contacto entre si. Esta lamentável ocupação desfez-se por completo, substituída pelo horror que me deixaram o rosto vermelho e os olhos muito arregalados de um criado que estivera a olhar-me e entrou no *hall*. Ouvi passos. Afastei-me a correr. Escondi-me entre a primeira e a segunda fila das colunas de alabastro, no salão redondo, por cima do aquário. Por baixo de mim, nadavam peixes idênticos aos que eu retirara podres nos dias da minha chegada.

Já tranquilo, aproximei-me da porta. Faustine, Dora — sua companheira de mesa — e Alec subiam as escadas, e Faustine movia-se com uma lentidão estudada. Por aquele corpo interminável, por aquelas pernas grandes demais, por aquela tonta sensualidade, arriscava eu a calma, o Universo, as recordações, a ansiedade tão viva, a riqueza de conhecer os costumes das marés e mais de uma raiz inofensiva.

Segui-os. Imprevistamente, entraram num quarto. Adiante encontrei uma porta aberta, um quarto iluminado e vazio. Entrei com toda a cautela. Sem dúvida, alguém que ali estivera, esquecera-se de apagar a luz. O aspecto da cama e da mesa de *toilette*, a falta de livros, de roupas, da menor desordem, garantiam que ninguém o habitava.

Fiquei inquieto quando os outros moradores do museu passaram aos respectivos quartos. Ouvi os passos nas escadas e quis apagar a minha luz, mas foi impossível: o interruptor ficara preso. Não insisti. Chamaria as atenções, uma luz a apagar-se num quarto vazio.

Se não fosse aquele interruptor, talvez me tivesse deixado dormir, persuadido pela fadiga, pelas numerosas luzes que via a apagarem-se pelas frestas debaixo das portas (e pela tranquilidade que me dava a presença da mulher cabeçuda no quarto de Faustine!). Previa que se alguém viesse a passar pelo

corredor, entraria no meu quarto, para apagar a luz (o resto do museu estava às escuras). Tratava-se de algo, talvez, inevitável; não demasiado perigoso. Ao ver que o interruptor não funcionava, a pessoa ir-se-ia embora, para não incomodar os outros. Bastava-me esconder-me um pouco.

Estava a pensar em tudo isto quando me apareceu a cabeça de Dora. Os seus olhos passaram por mim. Foi-se embora, depois — sem tentar apagar a luz.

Fiquei cheio de um medo quase convulsivo. Preparava-me para fugir e antes de sair percorri a casa, em busca de um esconderijo seguro. Custava-me deixar aquele quarto que me permitia manter sob vigilância a porta de Faustine. Sentei-me na cama e adormeci. Um pouco depois vi Faustine em sonhos. Ela entrou no meu quarto. Estava muito próxima. Despertei. Não havia luz. Deixei-me ficar imóvel, tentando ver no escuro, mas a respiração e a estupefacção que sentia eram incontíveis.

Levantei-me, fui até ao corredor, escutei o silêncio que se seguira à tempestade: nada o interrompia.

Comecei a andar pelo corredor, a sentir que inesperadamente se abriria uma porta e eu cairia em poder de bruscas mãos e de uma voz inamovível, mordaz. O mundo estranho que me preocupava ao longo dos últimos dias, as minhas conjecturas, as minhas ansiedades, Faustine, não teriam sido mais que trâmites efémeros da prisão e do patíbulo. Desci as escadas, através do escuro, cautelosamente. Cheguei a uma porta e quis abri-la; era impossível; não fui sequer capaz de mover o fecho (conhecia essas fechaduras que trancam o fecho; mas não compreendo o sistema das janelas: não têm fechadura, mas os seus fechos estão também trancados). Ia-me convencendo da impossibilidade de sair, os nervos cresciam-me e — talvez por isso mesmo e pela impotência em que me colocava a falta de luz — até as portas interiores se tinham tornado infranqueáveis. Alguns passos nas escadas de serviço vieram apressar-me ao máximo. Não sabia como sair do quarto. Caminhei sem fazer ruído, guiado por uma das paredes, até junto de uma das enormes taças de alabastro; com esforço e muito perigo, deslizei para dentro.

Fiquei inquieto, por muito tempo, contra a superfície escorregadia do alabastro e a fragilidade da lâmpada que ele encerrava. Perguntei-me se Faustine teria ficado sozinha com Alec ou se um deles teria saído com Dora, ou antes ou depois.

Esta manhã despertaram-me as vozes de uma conversa (eu estava demasiado débil e ensonado para ouvir). Depois, nada mais se ouvia já.

Queria ver-me fora do museu. Comecei a erguer-me, receoso de escorregar e reben-

tar a enorme lâmpada, ou de que alguém visse o assomar da minha cabeça. Com extrema fraqueza, laboriosamente, desci da taça de alabastro. Esperando que os meus nervos se recompusessem um pouco, resguardei-me por trás das cortinas. Estava tão debilitado que não era capaz de as mover; pareciam-me rígidas e pesadas como as cortinas de pedra de certas tumbas. Imaginei, dolorosamente, pães cheios de artifícios e outros pratos próprios da civilização: na copa havia sem dúvida de encontrá-los. Senti desmaios de superfície, vontade de rir; sem medo, caminhei até ao patamar da escada. A porta estava aberta. Não havia ninguém. Passei à copa, com uma temeridade que me tornava orgulhoso. Ouvi passos. Quis abrir uma porta que dá para fora e voltei a deparar com um fecho inexorável. Pelas escadas de serviço alguém descia. Corri para a entrada. Pude ver, pela porta aberta, parte de uma cadeira de palha e de umas pernas traçadas. Voltei em direcção às escadas principais; também aí ouvi passos. Havia gente na sala de jantar. Entrei no *hall,* vi uma janela aberta e, quase ao mesmo tempo, Irene e a mulher que na outra tarde falava de fantasmas, por um lado, e, por outro, o jovem do sobrolho carregado de pêlos, com um livro aberto, caminhando na minha direcção e declamando poesias francesas. Detive-me; caminhei, empertigado, entre eles; quase os

toquei ao passar; lancei-me pela janela e com as pernas doridas do choque (são uns três metros da janela ao relvado), corri pelo barranco abaixo, entre numerosas quedas, sem ver se alguém me seguiria com o olhar.

Preparei alguma comida. Devorei-a entusiasmado e, em breve, já sem apetite.

Agora quase não tenho dores. Sinto-me mais tranquilo. Penso, ainda que pareça absurdo, que talvez não me tenham visto no museu. Passou o dia todo e ninguém veio em minha busca. Faz medo admitir tanta sorte.

Possuo um dado, que pode servir aos leitores deste relato, para conhecerem a data da segunda aparição dos intrusos: viram-se, no dia seguinte, as duas luas e os dois sóis. Poderia tratar-se de um fenómeno local; no entanto, parece-me mais provável que se trate de um fenómeno especular, obra da lua ou do sol, mar e ar, certamente visível também de Rabaul e toda esta região. Notei que este segundo sol — talvez imagem de outro — é muito mais violento. Parece-me que entre ontem e anteontem houve uma infernal subida de temperatura. É como se o novo sol tivesse trazido à Primavera um extremo Verão. As noites são muito claras: há como que um reflexo polar que vagueia

nos ares. Mas imagino que as duas luas e os dois sóis não têm grande interesse; devem ter-se manifestado por toda a parte, ou no céu ou através de informações mais completas e mais sábias. Não os refiro aqui por lhes atribuir qualquer valor poético ou de curiosidade, mas sim para que os meus leitores, a quem são acessíveis jornais diários e datas de aniversário, possam datar estas páginas.

Estas noites com duas luas são as primeiras. Mas já tinham sido vistos dois sóis. Refere-o Cícero no *De Natura Deorum:*

Tum sole quod ut a patre audivi Tuditano et Aquilio consulibus evenerat.

Julgo não ter citado mal (1). M. Lobre, no Instituto Miranda, fez-nos aprender de cor as primeiras cinco páginas do Livro Segundo e as últimas três do Livro Terceiro. Nada mais conheço de *A Natureza dos Deuses.*

Os intrusos não vieram procurar-me. Vejo-os aparecendo e desaparecendo nos rebordos da colina. Talvez devido a alguma

(1) Engana-se. Omite a palavra mais importante: *geminato* (de *geminatus*, geminado, duplicado, repetido, reiterado). A frase é: *...; tum sole geminato, quod, ut e patre audivi, Tuditano et Aquilio consulibus evenerat; quo quidem anno P. Africanus sol alter extinctus est:...* Tradução a partir da versão espanhola de Menéndez y Pelayo: *Os dois sóis que, segundo ouvi de meu pai, foram vistos no Consulado de Tuditano e Aquilio; no mesmo ano em que se extinguiu esse outro sol de Públio Africano (183 aC) (Nota do Editor).*

imperfeição da alma (e à infinidade dos mosquitos), senti nostalgia da véspera, de quando estava com todas as esperanças em Faustine perdidas, e não nesta ansiedade. Senti nostalgia desse momento em que me encontrava, outra vez, instalado no museu, senhor da solidão subordinada.

Lembro-me agora do que pensei anteontem à noite, nesse quarto insistentemente iluminado. A natureza dos intrusos, das relações que tive com os intrusos.

Tentei várias explicações:

Que eu tenha apanhado a famosa peste; os seus efeitos na imaginação: as pessoas, a música, Faustine; no corpo: talvez lesões horríveis, signos da morte, que os efeitos anteriores não me deixam ver.

Que o ar corrompido das terras baixas e uma alimentação deficiente me tenham tornado invisível. Os intrusos não me viram (ou são sobre-humanamente disciplinados; afastei secretamente, com a satisfação de trabalhar com arte, toda a suspeita de simulação organizada, policial). Objecção: não sou invisível para os pássaros, os lagartos, os ratos, os mosquitos.

Ocorreu-me (precariamente) que aquelas pessoas podiam ser entes de outra natureza, de outro planeta, com olhos, mas não para

ver, com orelhas, mas não para ouvir. Recordei-me de que falavam um francês correcto. Dei maior extensão à monstruosidade anterior: esse idioma seria um atributo paralelo entre os nossos dois mundos, orientado em cada um deles para diferentes fins.

Cheguei à quarta hipótese pela aberração de narrar os sonhos. Ontem à noite sonhei o seguinte:

Estava num manicómio. Depois de uma longa consulta (o processo?) com um médico, a minha família levara-me para ali. O director era Morel. Por momentos, eu sabia que estava na ilha; por momentos, julgava estar no manicómio; por momentos, era eu o director do manicómio.

Não acho indispensável tomar um sonho pela realidade, nem a realidade por loucura.

Quinta hipótese: os intrusos seriam um grupo de mortos amigos; eu, um viajante, como Dante ou Swedenborg, ou se não outro morto, de outra raça, num momento diferente da sua metamorfose; esta ilha, o purgatório ou céu daqueles mortos (fica enunciada a possibilidade de vários céus; se houvesse só um e todos para lá fôssemos e nos esperasse aí um casamento encantador com todas as suas quartas-feiras literárias, seríamos já muitos a ter deixado de morrer).

Compreendia agora que os romancistas nos proponham fantasmas que se lamentam. Os mortos continuam entre os vivos. Custa-

-lhes mudar de costumes, renunciar ao tabaco, ao prestígio de violadores de mulheres. Fiquei horrorizado (pensei com teatralidade interior) por ser invisível; horrorizado por Faustine, próxima, estar noutro planeta (o nome Faustine deixou-me melancólico); mas estou morto, estou fora de alcance (verei Faustine, vê-la-ei a ir-se e os meus sinais, as minhas súplicas, as minhas tentativas, não a poderão atingir); todas as soluções medonhas são apenas esperanças frustradas.

A manipulação destas ideias provocava-me uma euforia crescente. Acumulei provas que demonstravam que a minha relação com os intrusos era uma relação entre seres de diferentes dimensões. Nesta ilha poderia ter sucedido uma catástrofe imperceptível para os seus mortos (eu e os animais que a habitavam); depois teriam chegado os instrusos.

Estar morto, eu! Como esta ideia me entusiasmava (vaidosamente, literariamente).

Recapitulei a minha vida. A infância, pouco estimulante, com as suas tardes no Passeio do Paraíso; os dias anteriores à minha detenção, como se me fossem estranhos; a minha grande fuga; os meses há que me encontro na ilha. A morte tinha duas oportunidades para entrar na minha história. Nos dias anteriores à chegada da polícia ao meu quarto da pensão cor-de-rosa e hedionda, em Oeste 11, diante da Pastora (o processo teria corrido perante juízes finais; a fuga e as viagens teriam sido a viagem ao

céu, inferno ou purgatório fixado). A outra ocasião para a morte surgia na viagem de barco. O sol desfazia-me o crâneo e embora tenha remado até aqui, devo ter perdido a consciência muito antes de chegar. Desses dias, todas as recordações são vagas, com excepção de uma claridade infernal, um vai-vém e um ruído da água, um sofrimento maior que todas as nossas reservas de vida.

Havia muito que estava a pensar nisto, como já estava um tanto farto, continuei com menos lógica: não estava morto até aparecerem os intrusos; na solidão é impossível estar morto. Para ressuscitar tenho que suprimir as testemunhas. Será um extermínio fácil. Não existo, elas não suspeitarão da sua destruição.

Estava a pensar noutra coisa, num incrível projecto de rapto privadíssimo, como de sonho, que contava apenas a mim próprio. Em momentos de extrema ansiedade imaginei estas explicações injustificáveis, vãs. O homem e a cópula não suportam grandes intensidades.

Isto é um inferno. Os sóis são esmagadores. Não me sinto bem. Comi uns bolbos semelhantes a nabos, muito fibrosos.

Os sóis estavam no alto, um mais alto do que o outro, e, imprevistamente (julgo ter

estado a olhar o mar até esse momento), apareceu um barco muito próximo, entre os recifes. Foi como se tivesse adormecido (até as moscas voam a dormir, sob este duplo sol) e despertasse, segundos ou horas depois, sem dar por que adormecera ou por que estava a despertar. O navio era de carga, branco: *A minha sentença,* pensei indignado. *Sem dúvida vêm explorar a ilha.* A chaminé, amarela (como nos navios da Royal Mail e da Pacific Line), altíssima, apitou três vezes. Os intrusos afluíram aos rebordos da colina. Algumas mulheres acenavam lenços.

O mar não se mexia. Desceram uma lancha do navio. Demoraram quase uma hora para pôr o motor a funcionar. Desembarcou na ilha um marinheiro vestido de oficial ou de capitão. Os outros voltaram para o barco.

O homem subiu a colina. Senti muita curiosidade e, apesar das minhas dores e dos bolbos difíceis de assimilar, subi pelo outro lado. Vi-o cumprimentar respeitosamente. Perguntaram-lhe que tal fora a viagem; se tinha *conseguido tudo* em Rabaul. Eu estava por trás de um fénix moribundo, sem medo de ser visto (parecia-me inútil esconder-me). Morel levou o homem para um banco. Falavam.

Já sabia que pensar daquele navio. Devia ser dos intrusos ou de Morel. Vinha para os levar.

Tenho três possibilidades, pensei. *Raptá--la, meter-me no barco, deixá-la ir.*

Virão procurá-la; tarde ou cedo hão-de encontrar-nos se eu a raptar. Não haverá em toda a ilha um sítio onde escondê-la? Lembro-me de que tinha a cara dorida à força de me obrigar a pensar.

Ocorreu-me também arrancá-la do seu quarto às primeiras horas da noite e partir a remos com ela no bote em que vim de Rabaul. Mas para onde iria? Repetir-se-ia o milagre daquela viagem? Como havia de orientar-me? Lançar-me ao acaso com Faustine, compensaria as misérias excessivas que ia encontrar nesse bote a meio do oceano? Misérias excessivamente breves, talvez: possivelmente, iríamos ao fundo, a poucos metros da costa.

Se conseguisse meter-me no navio, seria descoberto. Restava a possibilidade de falar, de pedir que chamassem Faustine ou Morel e explicar-lhes a minha situação. Talvez me ficasse tempo — se a minha história caísse mal — para me matar ou me fazer matar antes de chegar ao primeiro porto como prisão.

Tenho que decidir-me, pensei.

Um homem alto, robusto, com a cara afogueada, a barba mal aparada, negra, maneiras efeminadas, aproximou-se de Morel e disse-lhe:

— Faz-se tarde. Ainda temos que nos arranjar.

Morel respondeu:

— Um momento.

O capitão levantou-se; Morel, soerguido, continuou a falar com ele, urgentemente. Deu-lhe umas palmadas nas costas e voltou-se para o gordo, enquanto o outro o cumprimentava, e perguntou-lhe:

— Vamos?

O gordo olhou sorrindo, inquisidor, o rapaz de cabelos pretos e sobrancelhas carregadas, e repetiu:

—Vamos?

O rapaz concordou.

Os três correram para o museu, deixando as senhoras. O capitão aproximou-se deles sorrindo cortesmente. O grupo seguiu com todo o vagar os três cavalheiros.

Eu não sabia que fazer. A cena, embora ridícula, pareceu-me alarmante. Para que se iam arranjar? Não me sentia emocionado. Pensei que se os tivesse visto partir com Faustine, teria também deixado consumar-se o plano de horror, inactivo, ligeiramente nervoso.

Por sorte o momento não tinha chegado. A barba e as pernas fracas de Morel viam-se de longe. Faustine, Dora, a mulher que vi uma noite a contar histórias de fantasmas, Alec e os três homens que estavam juntos ainda há pouco, desciam para a piscina, em fato de banho. Eu corria de um para outro arbusto, para ver melhor. As mulheres tro-

tavam, sorridentes; os homens davam saltos, como para sacudir um frio inconcebível sob este regime de dois sóis. Previa a desilusão que teriam ao abeirarem-se da piscina. Desde que eu não a mude, a água está impenetrável (pelo menos para uma pessoa normal): verde, opaca, espumosa, com grandes moitas de folhas que cresceram monstruosamente, com pássaros mortos e, sem dúvida, com víboras e sapos vivos.

Seminua, Faustine é de uma ilimitada formosura. Tinha essa alegria que se exibe, um pouco tonta, das pessoas que vão tomar banho em público. Foi a primeira a mergulhar. Ouvi-os rirem-se e agitarem a água.

Dora e a mulher de idade foram as primeiras a sair. A velha, mexendo muito os braços, contou:

— Um, dois, três.

Os outros, certamente, faziam uma corrida. Os homens saíram exaustos. Faustine ficou um pouco mais, dentro de água.

Entretanto, os marinheiros tinham desembarcado. Corriam a ilha. Abriguei-me entre alguns tufos de palmeiras.

Contarei fielmente os factos que presenciei entre a tarde de ontem e a manhã de hoje, factos inverosímeis, que a realidade não terá podido produzir sem trabalho... Agora

a verdadeira situação parece não ser a descrita nas páginas anteriores; a situação que vivo parece não ser a que julgo viver.

Quando os banhistas foram vestir-se, decidi passar a estar vigilante dia e noite. No entanto, em breve considerei tal medida injustificada.

Ia-me embora, e apareceu o rapaz dos sobrolhos carregados e de cabelo preto. Um minuto depois surpreendi Morel, a espiar, escondendo-se numa janela. Morel desceu os degraus da escada. Eu não estava longe. Pude ouvi-lo.

— Não quis falar porque havia gente. Tenho que falar consigo, consigo e alguns outros.

— Diga.

— Aqui não—disse Morel, prescrutando as árvores com desconfiança — Esta noite. Quando todos se forem embora, fique.

— Morto de sono?

— Melhor. Quanto mais tarde melhor. Mas, acima de tudo, seja discreto. Não quero que as mulheres saibam. A histeria põe-me histérico. Adeus.

Afastou-se a correr. Antes de entrar em casa olhou para trás. O rapaz estava a começar a subir. Detiveram-no alguns gestos de Morel. Começou então a fazer um passeio curto, com as mãos nos bolsos, assobiando desajeitadamente.

Tentei pensar no que tinha visto, mas não sentia vontade. Estava inquieto.

Passou um quarto de hora mais ou menos.

Outro barbudo, encanecido, gordo, que ainda não tinha sido assinalado no meu relato, apareceu nos degraus, olhou para longe, em redor. Desceu e ficou diante do museu, imóvel, aparentemente perturbado.

Morel voltou. Falaram um minuto. Pude ouvir:

— ...e se eu lhe dissesse que todos os seus actos e palavras estão gravados?

— Não me importava.

Perguntei-me se teriam descoberto o meu diário. Resolvi ficar alerta. Impedir as tentações da fadiga e da distracção. Não me deixar surpreender.

O gordo voltou a ficar só, indeciso. Morel apareceu com Alec (jovem oriental e verde-negro). Foram-se embora os três.

Saíram então cavalheiros e criados com cadeiras de palha, que puseram à sombra de uma árvore do pão, grande e doente (vi alguns exemplares menos desenvolvidos numa velha quinta, em Los Teques). As senhoras ocuparam as cadeiras; à volta delas os homens estenderam-se na relva. Lembravam-me certas tardes da pátria.

Faustine passou em direcção às rochas. A maneira como quero esta mulher é já doentia (e ridícula: não falámos nem uma

só vez). Trazia um fato de ténis e um lenço, quase violeta, na cabeça. O que não será recordar estes lenços quando Faustine se tiver ido?

Sentia vontade de me oferecer para lhe levar o saco ou a manta. Segui-a de longe; vi-a pôr o saco numa rocha, desdobrar a manta; ficar imóvel contemplando o mar ou a tarde, impondo-lhes a sua calma.

Ía-se a última ocasião de tentar a sorte com Faustine. Podia ajoelhar-me, confessar-lhe a minha paixão, a minha vida. Não o fiz. Não me pareceu hábil. É certo que as mulheres acolhem naturalmente qualquer homenagem. Mas mais valia deixar que a situação se esclarecesse por si. Torna-se suspeito um desconhecido que nos conta a sua vida, nos diz espontaneamente que esteve preso, condenado a prisão perpétua e que somos a sua razão de existir. Receia-se que tudo seja uma simples manobra de chantagem destinada a vender uma lapiseira com a inscrição *Bolivar-1783-1830,* ou uma garrafa com um veleiro dentro. Outro sistema seria falar-lhe olhando o mar, como um louco muito contemplativo e simples: comentar os dois sóis; o nosso apego aos poentes; esperar um pouco pelas suas perguntas; referir-lhe, por todas as maneiras, que sou um escritor, que sempre quis viver numa ilha solitária; confessar a irritação que tive com a chegada da sua gente; contar-lhe

como estou confinado à parte inundável da ilha (isto permitiria explicações amenas acerca das terras baixas e das suas calamidades) e chegar assim à declaração: agora receio que se vão embora, que chegue um crepúsculo sem a doçura, já habitual, de a ver.

Ela levantou-se. Fiquei nervosíssimo (como se Faustine tivesse ouvido o que eu estava a pensar, como se eu a tivesse ofendido). Foi buscar um livro que tinha deixado, meio saído de um saco, noutra rocha, a uns cinco metros dali. Voltou a sentar-se. Abriu o livro, meteu a mão numa página e ficou como que adormecida, olhando a tarde.

Quando se pôs o mais débil dos dois sóis, Faustine voltou a levantar-se. Fui atrás dela... corri, lancei-me de joelhos e disse-lhe, quase aos gritos:

— Faustine, quero-a.

Fiz isto porque pensei que talvez o mais conveniente fosse tirar partido da inspiração, deixá-la impor a sua sinceridade notável. Ignoro o resultado. Afugentaram-me alguns passos, uma sombra densa. Escondi-me atrás de uma palmeira. A respiração, de tão alterada, quase não me deixava ouvir.

Morel dizia a Faustine que precisava de lhe falar. Ela respondeu:

— Bom, vamos para o museu (isto, ouvi-o claramente).

Houve alguma discussão. Morel opunha-se:

— Quero aproveitar esta ocasião... fora do museu e dos olhares dos nossos amigos.

Ouvi também: *prevenir-te; és uma mulher distinta; domínio dos nervos*.

Posso afirmar que Faustine se negou obstinadamente a ficar. Morel insistiu:

— Esta noite, quando todos se forem embora, faz-me o favor de ficares.

Foram caminhando entre as palmeiras e o museu. Morel falava muito e fazia gestos. Num desses movimentos, pegou no braço de Faustine. Depois, continuou a andar em silêncio.

Quando os vi entrar no museu, pensei que devia ir arranjar alguma comida para passar bem a noite e poder ficar vigilante.

Chá para Dois e *Valência* persistiram para além da madrugada. Eu, apesar dos meus propósitos, comi pouco. Ver as pessoas ocupadas com o baile, ver e provar as folhas viscosas, as raízes com sabor a terra, os bolbos com nós de fios muito sensíveis e duros, não foram argumentos ineficazes para me decidir a entrar no museu à procura de pão e outros alimentos autênticos.

Entrei pela cave onde se guarda o carvão, à meia-noite. Havia criados na copa, na des-

pensa. Decidi esconder-me, esperar que as pessoas fossem para os quartos. Talvez pudesse ouvir o que Morel tinha para dizer a Faustine, ao rapaz das sobrancelhas, ao gordo, ao esverdeado Alec. Depois, roubaria alguns alimentos e procuraria maneira de sair.

Na realidade, a declaração de Morel não me interessava muito. Angustiava-me o navio próximo da praia; a fácil, a irremediável partida de Faustine.

Ao passar pelo *hall* vi um fantasma desse Tratado de Belidor que dali levara quinze dias antes; estava na mesma consola de mármore verde, no mesmo lugar da consola de mármore verde. Procurei no bolso: puxei do livro; comparei-os: não eram dois exemplares do mesmo livro, mas sim duas vezes o mesmo exemplar; com a mesma tinta azul celeste entornada, a envolver numa nuvem a palavra PERSE; com o mesmo rasgão oblíquo no ângulo inferior, de fora... falo de uma identidade exterior... nem sequer pude tocar no livro que estava em cima da mesa. Escondi-me precipitadamente para que não me descobrissem (primeiro, algumas mulheres; depois Morel). Passei pelo salão do aquário e escondi-me no quarto verde, no biombo (formava uma espécie de casita). Por uma fenda podia ver o salão do aquário.

Morel dava ordens:

— Ponha-me aqui uma mesa e uma cadeira.

Puseram as outras cadeiras em fila, diante da mesa, como na sala de conferências.

Era tardíssimo quando quase todos começaram a entrar. Houve algum ruído, alguma curiosidade, algum sorriso meritório; predominava a paz desfeita do cansaço.

— Não pode faltar ninguém — disse Morel — Não começo, enquanto não chegarem todos.

— Falta Jane.

— Falta Jane Gray.

— Não é para menos.

— É preciso ir buscá-la.

— Quem é que a tira agora da cama?

— Não pode faltar.

— Está a dormir.

— Não começo antes de a ver aqui.

— Vou buscá-la — disse Dora.

— Eu vou contigo — disse o rapaz das sobrancelhas.

Quis transcrever fielmente esta conversa. Se ela não parece agora natural, a culpa é da arte ou da memória. Foi natural. Ao ver aquelas pessoas, ao ouvir aquela conversa, ninguém podia esperar um acontecimento mágico nem a negação da realidade, que se seguiram (embora tudo tenha ocorrido por cima de um aquário iluminado, por cima de peixes de grandes caudas e de líquenes, por entre um bosque de colunas negras).

Morel falava com algumas pessoas que eu não podia ver:

— Temos que procurá-lo por toda a casa. Eu vi-o entrar neste quarto, há bastante tempo já.

De quem estava ele a falar? Pensei na ocasião que o meu interesse pelo comportamento dos intrusos ia permanecer insatisfeito, a título definitivo.

— Percorremos a casa toda — disse uma voz tosca.

— Não importa. Tragam-no — respondeu Morel.

Pareceu-me ter ficado encurralado de vez. Queria sair. Contive-me.

Recordara que os quartos de espelhos eram infernos de torturas famosas.

Começava a sentir calor.

Depois voltaram Dora e o rapaz, com uma mulher velha, alcoolizada (eu já vira a mulher na piscina). Vinham com eles, também, dois indivíduos, aparentemente criados, que se ofereciam para ajudar; aproximaram-se de Morel; um deles disse:

— Impossível nada fazer.

(Reconheci a voz tosca de havia pouco).

Dora gritou para Morel:

— Haynes está a dormir no quarto de Faustine. Ninguém é capaz de o tirar de lá.

Teriam estado a falar de Haynes? Não pensei que as palavras de Dora e a conversa de Morel com os homens pudessem estar

relacionadas. Estavam a falar de procurar alguém e eu sentia-me assustado, predisposto a descobrir em tudo alusões ou ameaças. Agora ocorre-me que talvez nunca tenha ocupado a atenção dessas pessoas... Mais ainda: agora sei que não podem andar à minha procura.

Estarei certo? Um homem de bom senso, acreditaria no que ouvi ontem à noite, no que imagino saber? Aconselhar-me-ia a esquecer este pesadelo de ver em tudo uma máquina organizada para me capturar?

E se se tratasse de uma máquina para capturar-me, porque seria tão complexa? Porque não me deteria, directamente? Não seria uma loucura toda esta laboriosa representação?

Os nossos hábitos supõem um modo de as coisas se sucederem, umas às outras, uma vaga coerência do mundo. Agora a realidade propõe-se-me transmutada, irreal. Quando um homem desperta ou morre, tarda em desfazer-se dos terrores do sono, das preocupações e das manias da vida. Agora vai custar-me a perder o costume de ter medo destas pessoas.

Morel segurava algumas folhas de papel de seda amarelo, escritas à máquina. Tirou-as de uma taça de madeira que estava em cima da mesa. Na taça havia muitíssimas cartas presas com alfinetes a recortes de folhetos de *Yachting* e *Motor Boating*. Pe-

diam o preço de velhos barcos. Condições de venda, informações sobre o modo de os visitar. Eu tinha visto já algumas delas.

— Haynes que fique a dormir — disse Morel — Pesa muito, e se forem buscá-lo nunca mais chega o momento de começarmos.

Morel estendeu os braços e disse em voz entrecortada:

— Tenho que fazer-vos uma declaração.

Sorriu nervosamente:

— Não é grave. Para não cometer inexactidões, decidi ler. Por favor, ouçam:

Começou a ler as páginas amarelas que ia arrumando num envelope. Hoje de manhã, quando me escapuli do museu, estavam em cima da mesa; foi daí que as apanhei [1].

«Terão de desculpar-me esta cena, primeiro aborrecida, depois terrível. Vamos esquecê-la. Isso, associado à bela semana que vivemos, atenuará a sua importância.

---

[1] Para maior clareza julgámos conveniente colocar entre aspas o que estava escrito à máquina nessas páginas; o que surge sem aspas são notas à margem, a lápis, e com a mesma letra em que está escrito o resto do diário *(Nota do Editor)*.

Tinha resolvido não vos dizer nada. Não passariam assim por uma tão natural inquietação. Eu poderia dispor de todos, até ao último instante, sem revoltas. Mas, uma vez que são meus amigos, têm direito a saber».

Em silêncio movia os olhos, sorria, tremia; depois continuou com ímpeto:

«O meu abuso consiste em ter-vos fotografado sem autorização. É claro que não se trata de uma fotografia como todas as outras; é o meu último invento. Viveremos nessa fotografia, viveremos para sempre. Imaginem um cenário em que seja representada completamente a nossa vida durante estes sete dias. Somos nós que representamos. Todos os nossos actos ficaram gravados».

— Que impudor! — gritou um homem de bigodes negros e dentes saídos.

— Espero que seja a brincar — disse Dora.

Faustine não sorria. Parecia indignada.

«Podia ter-vos dito, à chegada: viveremos por toda a eternidade. Talvez tivéssemos estragado tudo, forçando-nos a mantermo-nos numa contínua alegria. Pensei: qualquer semana que passemos juntos, se não sentirmos obrigação de ocupar bem o tempo, será agradável. Não foi assim?

Então, dei-vos uma eternidade agradável.

É certo que as obras dos homens não são perfeitas. Faltam aqui alguns amigos. Claude desculpou-se: está a trabalhar a hipótese, em forma de romance e de tratado teológico, de um desacordo entre Deus e o indivíduo; hipótese que lhe parece eficaz para o tornar imortal e que não quer interromper. Madeleine há dois anos que não vai à montanha; receia pela sua saúde. Leclerc comprometeu-se com os Davies para uma visita à Florida.»

Acrescentou:

— O pobre Charlie, é claro...

Pelo tom destas palavras, acentuando *pobre,* pela solenidade muda, com algumas mudanças de posição e movimentos de cadeiras, a seguir registadas, inferi que esse Charlie era um morto; ou com maior precisão: um morto recente.

Morel disse depois como que pretendendo aliviar o auditório:

— Mas também o tenho. Se alguém quiser vê-lo, posso mostrá-lo. Foi um dos meus primeiros ensaios com bom resultado.

Deteve-se. Parece-me que deu por nova transformação na sala (a princípio esta passara de um aborrecimento afável a uma atmosfera pesada, com uma ligeira reprovação pelo mau gosto que era trazer um morto para aquela brincadeira; agora estava perplexa, quase horrorizada).

Morel voltou aos papéis amarelos, precipitadamente.

«O meu cérebro tem, desde há muito, duas ocupações primordiais: pensar os meus inventos e pensar em...» Restabeleceu-se, decididamente, a simpatia entre ele e a sala. «Por exemplo, abro as páginas de um livro, passeio, encho o meu cachimbo, e estou a imaginar uma vida feliz, com...»

Cada nova interrupção provocava uma salva de aplausos.

«Quando completei o meu invento lembrei-me, primeiro como um simples tema para a imaginação, depois como um projecto incrível, dar realidade perpétua à minha fantasia sentimental...

O julgar-me superior e a convicção de que é mais fácil enamorar uma mulher que fabricar céus, aconselharam-me a trabalhar espontaneamente. As esperanças de a enamorar de mim permaneceram à distância; já não possuo a sua amizade confiante; já não tenho apoio, ânimo para encarar a vida.

Era conveniente seguir uma táctica. Traçar planos.» (Morel mudou de tom, como se quisesse cortar a gravidade que as suas palavras traíam.) «Nos meus primeiros planos, ou a convencia a virmos os dois sozinhos (impossível: nunca mais a vi a sós desde que lhe confessei a minha paixão) ou a raptava (teríamos ficado a lutar os dois eternamente). Note-se que, desta feita, não há exagero na palavra *eternamente*». Morel

alterou muito este parágrafo. Disse — parece-me — que pensara raptá-la, e ensaiou alguns gracejos.

«Agora vou explicar-vos o meu invento».

Até aqui, um discurso repugnante e desordenado. Morel, homem de ciência mundano, quando abandona os sentimentos e pega na sua mala de velhos fios de cabo, consegue maior precisão; a sua literatura é igualmente desagradável, rica em palavras técnicas e procura em vão certo impulso oratório, mas torna-se mais clara. O leitor que ajuíze:

«Qual é a função da radiotelefonia? Suprimir, em relação ao ouvido, uma ausência espacial: valendo-nos de transmissores e receptores podemos reunir-nos em conversa com Madeleine, neste quarto, apesar de ela estar a mais de vinte mil quilómetros, nos arredores de Quebeque. A televisão consegue a mesma coisa em relação à vista. Alcançar vibrações mais rápidas, mais lentas, será alargar este campo aos outros sentidos; a todos os outros sentidos.

O quadro cientifíco dos meios de remediar ausências era, até há pouco, mais ou menos o seguinte:

Em relação à vista: a televisão, o cinematógrafo, a fotografia;

Em relação ao ouvido: a radiotelefonia, o fonógrafo, o telefone (1).

Conclusão:

A ciência até há pouco, tinha-se limitado a suprir, quanto ao ouvido e à vista, ausências espaciais e temporais. O mérito da primeira parte dos meus trabalhos consiste em ter interrompido uma indolência que tinha já o peso das tradições e em ter continuado, com lógica, por caminhos quase paralelos, o raciocínio e os ensinamentos dos sábios que melhoraram o mundo com os inventos que mencionei.

Quero assinalar a minha gratidão para com os industriais que, tanto em França (Societé Clunie) como na Suíça (Schwachter, de Sankt Gallen), compreenderam a importância das minhas investigações e me franquearam os seus discretos laboratórios.

O contacto com os meus colegas não autoriza os mesmos sentimentos.

Quando fui à Holanda, para conversar com o célebre engenheiro electrotécnico João Van Heuse, inventor de uma máquina

(1) A omissão do telégrafo parece-me deliberada. Morel é autor do opúsculo *Que nous envoie Dieu?* (palavras da primeira mensagem de Morse); e responde: *Un peintre inutile et une invention indiscrète.* No entanto, quadros como o *Lafayette* e *Hércules Moribundo* são valores indiscutíveis (*Nota do Editor*).

rudimentar que permite saber se uma pessoa está ou não a mentir, encontrei muitas palavras de encorajamento e também, tenho que o confessar, uma vil desconfiança.

Desde então, trabalhei sozinho.

Pus-me a procurar ondas e vibrações inalcançadas, a conceber instrumentos para as captar e transmitir. Obtive, com relativa facilidade, as sensações olfactivas; as térmicas e as tácteis propriamente ditas exigiram toda a minha perseverança.

Tive, além do mais, que aperfeiçoar os meios existentes. Os melhores resultados honravam os fabricantes de discos para fonógrafo. Desde há muito que era possível afirmar que já não receávamos a morte no que se refere à voz. As imagens haviam sido arquivadas muito deficientemente pela fotografia e pelo cinematógrafo. Dirigi esta parte do meu trabalho para a retenção das imagens que se formam nos espelhos.

Uma pessoa ou um animal ou uma coisa, é, diante dos meus aparelhos, como a estação que emite o concerto que vocês ouvem na rádio. Se abrirem o receptor de ondas olfactivas, sentirão o perfume dos jasmins que se encontram no peito de Madeleine, sem a verem. Abrindo o sector de ondas tácteis, poderão acariciar-lhe a cabeleira, suave e invisível, aprendendo como cegos a conhecer as coisas com as mãos. Mas se abrirem o jogo completo dos receptores, aparece Madeleine, inteira, reproduzida, idêntica; não devem esquecer que se trata de imagens extraídas dos espelhos, com os sons, a resistência ao tacto, o sabor, os cheiros, a temperatura, perfeitamente sincronizados. Nenhuma testemunha admitiria tratar-se de imagens. E se agora aparecerem as nossas, vocês mesmos não me acreditarão. Custar-lhes-á menos pensar que eu contratei uma companhia de actores, de sósias inverosímeis.

Esta é a primeira parte da máquina; a segunda grava; a terceira projecta. Não necessita de *écrans* nem de papéis; as suas projecções são bem acolhidas pelo espaço todo e não importa que seja dia ou noite. Em ordem a maior clareza ousarei comparar as partes da máquina com: o aparelho de televisão que mostra imagens de emissores mais ou menos distantes; a câmara que recolhe um filme das imagens trazidas pelo aparelho de televisão; o projector cinematográfico.

Pensei coordenar as recolhas dos meus aparelhos e captar cenas da nossa vida: uma tarde com Faustine, pedaços de conversas com vocês; comporia assim um álbum de presenças muito duradouras e nítidas, que seria um legado de certos momentos a outros, grato aos filhos, aos amigos e às gerações que venham a viver segundo outros costumes.

Com efeito, imaginava que embora as reproduções de objectos fossem objectos

— como uma fotografia de uma casa é um objecto que representa outro —, as reproduções de animais e de plantas não seriam animais nem plantas. Estava certo de que os meus simulacros de pessoas careceriam de consciência de si (como as personagens de uma película cinematográfica).

Tive uma surpresa: depois de muito trabalho, ao harmonizar os dados, deparei com pessoas reconstituídas, que desapareciam se eu desligasse o aparelho projector, viviam apenas os momentos passados quando se captara a cena e, ao terminarem estes, voltavam a repeti-los, como se fossem partes de um disco ou de um filme que, ao acabar, voltasse a começar mas que, para ninguém, podiam distinguir-se das pessoas vivas (vêem-se como que circulando noutro mundo, fortuitamente abordado pelo nosso). Se concedemos a consciência, e tudo o que nos distingue dos objectos, às pessoas que nos rodeiam, não poderemos negar o mesmo às criadas pelos meus aparelhos, com nenhum argumento válido e exclusivo.

Reunidos os sentidos, surge a alma. Era preciso esperar por ela. Madeleine estava presente para a vista, Madeleine estava presente para o ouvido, Madeleine estava presente para o sabor, Madeleine estava presente para o olfacto, Madeleine estava presente para o tacto: Madeleine ali estava».

Assinalei que a literatura de Morel é desagradável, rica em palavras técnicas e

que procura em vão certo impulso oratório. Quanto ao ridículo, esse revela-se por si próprio:

«Custa-vos admitir um sistema de reprodução da vida, tão mecânico e artificial? Recordem-se que na nossa incapacidade de ver, os movimentos do prestidigitador se convertem em magia.

Para fazer reproduções vivas, necessito de emissores vivos. Não crio a vida.

Não deverá chamar-se vida o que possa estar latente num disco, o que se revela quando funciona a máquina do fonógrafo, se eu deslocar uma chave? Terei que insistir em que todas as vidas, como os mandarins chineses, dependem de botões que podem ser accionados por seres desconhecidos? E vocês mesmos, quantas vezes terão interrogado o destino dos homens, retomado as velhas perguntas: para onde vamos? Onde jazemos, como músicas inauditas num disco, até que Deus nos mande nascer? Não se dão conta de um paralelismo entre o destino dos homens e das imagens?

A hipótese de as imagens terem alma parece confirmada pelos efeitos da minha máquina sobre as pessoas, os animais e os vegetais emissores.

É claro que não alcancei estes resultados, senão depois de muitos reveses parciais. Recordo-me de ter feito as primeiras tentativas com empregados da casa Schwachter.

Sem os prevenir, abria as máquinas e apanhava-os enquanto trabalhavam. Havia algumas falhas ainda no receptor; não conjugava harmoniosamente os dados: nalguns casos, por exemplo, a imagem não coincidia com a resistência ao tacto; às vezes, os erros são imperceptíveis para testemunhas pouco especializadas; noutras ocasiões, o desvio é mais amplo».

Stoever perguntou:

— Podes mostrar-nos essas primeiras imagens?

— Se vocês mo pedirem, como não hei-de mostrá-las? Mas previno-vos de que há fantasmas ligeiramente monstruosos — respondeu Morel.

— Muito bem — disse Dora — Mostre-os na mesma. Um pouco de divertimento nunca fez mal.

— Eu quero vê-los — continuou Stoever — porque estou a lembrar-me de umas mortes inexplicadas, na casa Schawachter.

— Felicito-te — disse Alec, num cumprimento — Encontrámos um crente.

Stoever respondeu com seriedade:

— Idiota, não ouviste? Charlie também foi apanhado. Quando Morel estava em Sankt Gallen começaram a morrer os empregados da casa Schwachter. Vi as fotografias nas revistas. Reconhecê-los-ei.

Morel, trémulo e ameaçador, saiu da sala. Todos falavam aos gritos:

— Aí tens — disse Dora —, ofendeste-o. É preciso ir buscá-lo.

— Parece mentira terem feito uma coisa destas a Morel.

Stoever insistiu:

— Mas vocês não entendem!

— Morel é nervoso. Não vejo que necessidade havia de o insultar.

— Vocês não entendem — gritou Stoever enfurecido — Com a máquina dele, apanhou Charlie, e Charlie morreu; apanhou empregados da casa Schwachter, e houve mortes misteriosas entre os empregados. Agora diz que nos apanhou a nós!

— E nós não estamos mortos — disse Irene.

— Ele também se apanhou a si próprio.

— Não há ninguém que perceba que é tudo uma brincadeira?

— Basta ver a zanga de Morel. Nunca o vi zangado.

— Apesar de tudo, Morel portou-se mal — disse o dos dentes saídos — Podia ter-nos avisado.

— Vou buscá-lo — disse Stoever.

— Fica aqui — gritou Dora.

— Vou eu — disse o dos dentes saídos — Não para o insultar; para lhe pedir que nos desculpe e continue.

Precipitaram-se todos à volta de Stoever. Tentaram acalmá-lo, excitados.

Passado um pedaço, o homem dos dentes voltou:

— Ele não quer vir. Pede-nos desculpa. Foi impossível trazê-lo.

Saíram Faustine, Dora, a mulher de idade.

Depois, não ficaram senão Alec, o dos dentes, Stoever e Irene. Pareciam tranquilos, de acordo entre si, sérios. Acabaram por ir-se embora.

Eu ouvia gente a falar no *hall*, nas escadas. Apagaram-se as luzes e a casa ficou mergulhada numa lívida luz de amanhecer. Esperei, alerta. Não havia ruídos, quase não havia luz. As pessoas teriam ido deitar-se? Ou estariam a fazer uma espera, para me capturarem? Estive ali, não sei quanto tempo, a tremer, até que comecei a andar (julgo que para ouvir os meus passos e ter alguns sinais de vida) sem dar pelo que fazia, talvez de acordo com o que os meus presumíveis perseguidores teriam previsto.

Fui até à mesa, guardei os papéis no bolso. Pensei, com medo, que o quarto não tinha janelas, que tinha que atravessar o *hall*. Caminhei com extrema lentidão; a casa parecia-me ilimitada. Fiquei imóvel diante

da porta do *hall*. Por fim, andei devagar, em silêncio, até uma janela aberta; saltei e corri para aqui.

Quando cheguei às terras baixas tive um sentimento confuso de auto-reprovação por não ter fugido no primeiro dia, por ter querido averiguar os mistérios daquela gente.

Depois da explicação de Morel, pareceu-me ser tudo aquilo uma manobra da polícia; não me podia perdoar a minha demora a reconhecê-lo.

É absurdo, mas acho que sou capaz de o justificar. Quem não desconfiaria de uma pessoa que dissesse: *Eu e os meus companheiros somos aparências, somos uma nova espécie de fotografias.* No meu caso a desconfiança torna-se ainda mais justificada: sou acusado de um crime, fui condenado a prisão perpétua e é possível que a minha captura seja a ocupação profissional de outrem, a esperança de promoção burocrática de alguém.

Mas como estava cansado, adormeci logo a seguir, entre vagos projectos de fuga. Fora um dia de enorme agitação.

Sonhei com Faustine. O sonho era muito triste, muito emocionante. Despedíamo-nos; vinham buscá-la; ela ia-se de barco. Depois voltávamos a estar sós, despedindo-nos com

amor. Chorei durante o sonho e despertei com um desespero inconsolável, porque Faustine não estava ali e com lágrimas de consolação porque nos tínhamos querido ambos sem disfarce. Temi que se tivesse consumado, durante o meu sonho, a partida de Faustine. Levantei-me. O barco fora-se. A minha tristeza foi mais que profunda, era a decisão de me matar; mas, ao erguer os olhos, vi Stoever, Dora e depois outros, à beira da colina.

Não precisei de ver Faustine. Julgava-me seguro: já não me importava que ela estivesse ali ou não.

Compreendi que era certo o que, horas antes, dissera Morel (mas é possível que ele não o tivesse dito, pela primeira vez, horas antes, mas há alguns anos já; repetia-o porque estava na semana, no disco eterno).

Senti repulsa, quase nojo, por aquela gente e a sua incansável actividade repetida. Apareciam muitas vezes, lá em cima, nos rebordos da colina. Estar numa ilha habitada por fantasmas artificiais era o mais insuportável dos pesadelos; estar enamorado de uma dessas imagens era pior que estar enamorado de um fantasma (só que talvez sempre tenhamos querido que a pessoa amada exista à maneira de um fantasma).

Acrescentarei a seguir as páginas (dos papéis amarelos) que Morel não leu:

«Perante a impossibilidade de executar o meu primeiro projecto — levá-la para casa e apanhar uma cena de felicidade minha ou recíproca — concebi outro, sem dúvida melhor.

Descobrimos esta ilha nas circunstâncias que vocês conhecem. Três condições ma recomendaram: 1.ª) as marés; 2.ª) os recifes; 3.ª) a luminosidade.

A regularidade habitual das marés lunares e a abundância de marés meteorológicas garantem um serviço quase constante de força motriz. Os recifes são um vasto sistema de muralhas contra invasores; conhece-os um homem; é o nosso capitão McGregor; cuidei de que não volte a arriscar-se nestes perigos. A clara, não deslumbrante luminosidade, permite esperar uma alteração deveras reduzida na captação das imagens.

Confesso-vos que, uma vez descobertas estas generosas virtudes, não duvidei em aplicar a minha fortuna na compra da ilha e na construção do museu, da igreja, da piscina. Fretei este barco de carga a que vocês chamam o *Yacht,* para que a nossa vinda fosse mais agradável.

A palavra *museu*, que utilizo para designar esta casa, é uma sobrevivência do tempo em que trabalhei nos projectos do meu invento, sem conhecer ainda o seu alcance.

Pensava então edificar grandes álbuns ou museus, familiares e públicos, dessas imagens.

Chegou o momento de o anunciar: esta ilha, com os seus edifícios, é o nosso paraíso privado. Tomei algumas precauções — físicas, morais — quanto à sua defesa: creio que a protegerão. Aqui estaremos eternamente — mesmo que amanhã nos vamos embora — repetindo consecutivamente os momentos da semana e sem jamais podermos sair da consciência que foi a nossa em cada um deles, porque foi desse modo que os aparelhos nos apanharam; isto permitir-nos-á sentirmo-nos numa vida sempre nova, porque não haverá a cada momento da projecção outras recordações para além das que havia no momento correspondente da gravação, e porque o futuro, muitas vezes deixado para trás, conservará para sempre (1) os seus atributos».

Eles aparecem de vez em quando. Ontem vi Haynes à beira da colina; há dois dias Stoever, Irene; hoje Dora e outras mulheres. Impacientam-me a vida; se quiser ordená-la, tenho que afastar da minha atenção estas imagens.

Destruí-las, destruir os aparelhos que as projectam (encontram-se sem dúvida no sub-

(1) *Sempre*: sobre a duração da nossa imortalidade: as suas máquinas, simples e de materiais escolhidos, são mais incorruptíveis do que o Metro, que existe em Paris (*Nota de Morel*).

terrâneo) ou partir a turbina, são as minhas tentações favoritas; contenho-me, não quero ocupar-me dos meus companheiros de ilha porque me parece que não lhes falta matéria para se converterem em obsessões.

No entanto, não creio que tal perigo me chegue a ameaçar. Estou demasiado ocupado com o sobreviver à água, à fome, aos alimentos.

Estou agora à procura de uma maneira de montar uma cama permanente; não a descobrirei se ficar nas terras baixas; as árvores estão podres; não são capazes de me sustentar. Mas estou resolvido a mudar de situação: quando há grandes marés não durmo, e nos restantes dias as inundações mais pequenas interrompem o meu sono, sempre a horas diferentes. Não consigo habituar-me a esse banho. Demoro a adormecer, pensando no momento em que a água, barrenta e frouxa, virá cobrir-me a cara e provocar-me um afogamento momentâneo. Quero que a enchente não me surpreenda, mas a fadiga vence-me e eis já a água, em silêncio, como uma vaselina de bronze, a forçar-me as vias respiratórias. O resultado é uma fadiga dolorosa, uma predisposição a irritar-me e a ficar abatido diante de qualquer dificuldade.

Estive a ler os papéis amarelos. Descubro que distinguir através das ausências — espaciais ou temporais — os meios de as superar,

dá lugar a confusões. Seria preciso dizer, talvez: *Meios de alcance e meios de alcance e retenção.* A telefonia, a televisão, o telefone, são, exclusivamente, *de alcance;* o cinematógrafo, a fotografia o fonógrafo — *verdadeiros arquivos* — são *de alcance e retenção.*

Todos os aparelhos de suprir ausências são, pois, meios de alcance (antes de se ter a fotografia ou o disco, é preciso tirá-la, gravá-lo).

Seja como for, não é impossível que toda a ausência seja, em última análise, espacial... Numa ou noutra parte hão-de estar, sem dúvida, a imagem, o contacto, a voz, dos que já não vivem (*nada se perde*...).

Fica assim insinuada a esperança que investigo e pela qual hei-de ir à cave do museu, para olhar as máquinas.

Pensei dos que já não estão vivos: um dia pescadores de ondas hão-de reuni-los, de novo, no mundo. Tive ilusões de eu próprio vir a alcançar alguma coisa. Inventar, talvez, um sistema de recomposição das presenças dos mortos. Quem sabe se não poderia ser o aparelho de Morel com um dispositivo que o impedisse de captar as ondas dos emissores vivos (mais acentuadas, sem dúvida).

A imortalidade poderá germinar em todas as almas, nas decompostas e nas actuais. Mas, ai!, os mortos mais recentes proporcionar-nos-ão um bosque remanescente tão denso como os mais antigos. Para formar um só homem já desconjuntado, com todos os seus elementos e sem deixar entrar nele qualquer elemento estranho, será necessário possuir-se o paciente desejo de Ísis quando reconstruiu Osíris.

A conservação indefinida das almas em acção está garantida. Ou dizendo melhor: estará completamente garantida no dia em que os homens entendam que para defenderem o seu lugar na terra lhes convém pregar e praticar o malthusianismo.

É lamentável que Morel tenha escondido nesta ilha o seu invento. Talvez eu me equivoque; talvez Morel seja uma personagem famosa. Se não, como prémio pela comunicação do invento, eu poderia alcançar um indulto indevido dos meus perseguidores. Mas se Morel não o comunicou, tê-lo-á feito algum dos seus amigos. Contudo, é estranho que não se falasse disso quando saí de Caracas.

Sobrepujei a repugnância nervosa que sentia pelas imagens. Não me preocupam. Vivo confortavelmente no museu, livre das marés cheias. Durmo bem, estou descansado e tenho, novamente, a serenidade que me permitiu enganar os perseguidores, chegar a esta ilha.

É verdade que o comércio das imagens me produz um ligeiro mal-estar (sobretudo se estou distraído); também isto há-de passar, e já o facto de me ser possível distrair-me pressupõe que vivo com certa naturalidade.

Estou a habituar-me a ver Faustine, sem emoção, como um simples objecto. Por curiosidade, sigo-a desde há uns vinte dias. Tive poucas dificuldades, apesar de abrir as portas — mesmo as fechadas sem chave — ser impossível (porque se estavam fechadas quando se gravou a cena, têm que o estar também quando esta se projecta). Talvez conseguisse forçá-las, mas receio que uma avaria parcial estrague todo o aparelho (não penso que seja provável).

Faustine, ao retirar-se para o seu quarto, fecha a porta. Só numa ocasião não me será possível entrar sem a tocar: quando a acompanham Dora e Alec. Depois estes dois saem rapidamente. Nessa noite, na primeira semana, fiquei no corredor, diante da porta fechada e do orifício da fechadura, que mostrava um espaço vazio. Na outra semana quis observar do exterior e caminhei ao longo da cornija, com muito perigo, ferindo as mãos e os joelhos contra a aspereza das pedras, a que me abraçava assustado (são cerca de cinco metros de altura). As cortinas impediram-me a visão.

Na próxima ocasião vencerei o medo que me resta e entrarei no quarto com Faustine, Dora e Alec.

Passo as outras noites ao largo da cama de Faustine, por terra, numa esteira, e comovo-me vendo-a descansar tão alheada do hábito de dormirmos juntos, que vamos adquirindo.

Um homem solitário não pode fazer máquinas nem fixar visões, excepto sob a forma truncada de as escrever ou desenhar, para outros, mais felizes.

Para mim será impossível descobrir qualquer coisa olhando as máquinas: herméticas, funcionarão obedecendo às intenções de Morel. Amanhã hei-de sabê-lo ao certo. Hoje não pude ir ao subterrâneo; passei a tarde a juntar alimentos.

Seria pérfido supor — se um dia as imagens vierem a faltar — que eu as destruí. Pelo contrário: o meu propósito é salvá-las, com este relato. Ameaçam-nas invasões do mar e invasões das hordas propagadas pelo crescimento da população. É doloroso pensar que a minha ignorância, preservada por toda a biblioteca — sem um livro que possa servir para trabalhos científicos — talvez as ameace também.

Não me alargarei sobre os perigos que espreitam esta ilha, a terra e os homens, no esquecimento das profecias de Malthus; quanto ao mar, deve dizer-se: em cada uma das grandes marés temi o naufrágio total da ilha; num café de pescadores, de Rabaul, ouvi que as ilhas Ellice ou *das lagoas* são instáveis, umas desaparecem e outras emer-

gem (estarei neste arquipélago? O siciliano e Ombrellieri são as minhas autoridades).

É assombroso o invento ter enganado o inventor. Também eu acreditei que as imagens tinham vida; mas a nossa situação não era a mesma: Morel tinha imaginado tudo; tinha presenciado e conduzido o desenvolvimento da sua obra; eu deparei com ela finalizada, a funcionar.

Esta cegueira do inventor a respeito do invento é surpreendente, e recomenda-nos circunspecção nos juízos... Talvez eu esteja a generalizar acerca dos abismos de um homem, a moralizar a partir de uma peculiaridade de Morel.

Aplaudo a orientação que, sem dúvida inconscientemente, ele imprimiu aos seus tacteios de perpetuação do homem: limitou-se a conservar as sensações; e, embora equivocando-se, predisse a verdade: o homem, só, há-de aparecer. Em tudo isto poderá ver-se o triunfo do meu velho axioma: não deve tentar-se conservar vivo o corpo todo.

Razões lógicas autorizam-nos a recusar as esperanças de Morel. As imagens não têm vida. No entanto, parece-me que, na posse deste aparelho, convém inventar outro, que permita averiguar se as imagens sentem e pensam (ou, pelo menos, se têm os pensamentos e as sensações que atravessaram os seus originais durante a exposição à máquina; é claro que a relação das suas consciências (?) com estes pensamentos e sensações,

não é possível esclarecê-la). O aparelho, muito semelhante ao actual, dirigir-se-á aos pensamentos e sensações do emissor; a qualquer distância de Faustine poderemos obter os seus pensamentos e sensações visuais, auditivas, tácteis, olfactivas, gostativas.

E um dia acabará por existir um aparelho mais complexo. O pensado e o sentido durante a vida — ou nos tempos de exposição — será como um alfabeto, com o qual a imagem continuará a aperceber-se de tudo (como nós, com as letras de um alfabeto, podemos entender e compor todas as palavras). A vida será, pois, um depósito da morte. Mas mesmo então a imagem não terá vida; objectos essencialmente novos não poderão existir para ela. Conhecerá tudo o que sentiu ou pensou, ou as combinações superiores do que sentiu ou pensou.

O facto de não podermos compreender nada fora do tempo e do espaço, talvez sugira que a nossa vida não é sensivelmente distinta da sobrevivência a obter por meio de tal aparelho.

Quando inteligências menos grosseiras que a de Morel se ocuparem do invento, o homem escolherá um sítio afastado, agradável, reunir-se-á com as pessoas a quem mais quiser e perdurará num íntimo paraíso. Um mesmo jardim, se as cenas a perdurar forem apanhadas em momentos diferentes, alojará inúmeros paraísos, cujas sociedades, ignorando-se umas às outras, funcionarão

simultaneamente, sem colisões, quase nos mesmos lugares. Desgraçadamente, serão paraísos vulneráveis, porque as imagens não poderão ver os homens, e os homens, se não derem ouvidos a Malthus, vão necessitar um dia da parcela de terra até do paraíso mais exíguo e destruirão os seus ocupantes indefesos ou encerrá-los-ão na possibilidade inútil das suas máquinas desligadas (1).

Durante dezassete dias permaneci vigilante. Nem um apaixonado teria descoberto motivos para suspeitar de Morel e de Faustine.

Não creio que fosse a ela que Morel aludiu no discurso (embora ela tenha sido a única que o não celebrou com risos). Mas admitindo que Morel esteja enamorado de Faustine, como poderia afirmar-se que Faustine está enamorada dele?

Se quisermos desconfiar, a ocasião nunca falta. Uma tarde passeiam de braço dado, entre as palmeiras e o museu, haverá algo de estranho nesse deambular de amigos?

Quanto ao meu propósito de cumprir o *Ostinato Rigore* da divisa, a vigilância alcançou uma extensão que me honra; não

---

(1) Sob a epígrafe de

Come, Malthus, and in Ciceronian prose
Show what a rutting Population grows,
Until the produce of the Soil it spent,
And Brats expire for lack of Aliment

o autor demora-se numa apologia, eloquente e de argumentação pouco inovadora, de Tomás Roberto Malthus e do seu *Ensaio sobre o Princípio da População*. Suprimimo-la por razões de espaço (*Nota do Editor*).

tive em conta nem a comodidade nem o decoro: o controlo foi tão severo debaixo das mesas como à altura a que se movem habitualmente os olhares.

Na sala de jantar, uma noite, outra noite no *hall*, as pernas tocam-se. Se admito a malícia, por que hei-de afastar a distracção, a casualidade?

Repito: não há prova definitiva de que Faustine sinta amor por Morel. Talvez a origem das suspeitas esteja no meu egoísmo. Quero Faustine: Faustine é o móbil de tudo; receio que esteja apaixonada: demonstrá-lo é a missão das coisas. Quando estava preocupado com a perseguição policial, as imagens desta ilha moviam-se, como peças de xadrez, obedecendo a uma estratégia destinada a capturar-me.

Morel ficaria enfurecido se eu tornasse público o seu invento. Isto é certo e não julgo que fosse evitável por meio do elogio. Os seus amigos reunir-se-iam sob uma indignação comum (Faustine também). Mas se esta se aborrecesse com ele — não compartilhou dos risos que acompanharam o discurso — talvez se aliasse a mim.

Resta a hipótese da morte de Morel. Nesse caso, algum dos seus amigos teria dado notícia do invento. Se não, teríamos que supor uma morte colectiva, uma peste, um naufrágio. É tudo incrível; mas continua inexplicado o facto de não haver notícia do invento quando deixei Caracas.

Uma explicação poderia ser a de que não tenham acreditado nele, a de que Morel estivesse louco, ou, de acordo com a minha primeira ideia, a de que todos estivessem loucos e a ilha fosse um sanatório de loucos.

Estas explicações requerem tanta imaginação como as da epidemia ou do naufrágio.

Se me fosse possível alcançar a Europa, a América ou o Japão, passaria por tempos difíceis. Quando começasse a ser um charlatão famoso — antes de ser um inventor famoso — apareceriam as acusações de Morel e, talvez, uma ordem de prisão, vinda de Caracas. O mais triste seria ainda ver-me em semelhante transe devido ao invento de um louco.

Mas tenho que me convencer: não preciso de fugir. Viver com as imagens é uma sorte. Se os perseguidores cá chegarem, esquecer-se-ão de mim frente ao prodígio desta gente inacessível. Ficarei.

Se encontrasse um dia Faustine, como a faria rir contando-lhe todas as vezes que falei, enamorado e aos soluços, à sua imagem. Considero que este pensamento é um vício: escrevo-o para lhe impor limites, para ver que não tem encanto, para o abandonar.

A eternidade rotativa pode parecer atroz ao espectador; é satisfatória para os seus

sujeitos. Livres de más notícias e de doenças, vivem sempre como se fosse a primeira vez, sem recordação das vezes anteriores. Além disso, dadas as interrupções impostas pelo regime das marés, a repetição não é implacável.

Habituado a ver uma vida que se repete, acho a minha irreparavelmente casual. Os propósitos de emenda são inúteis: eu não tenho próxima vez, cada momento é único, distinto, e muitos deles se perdem por descuidos vários. É certo que para as imagens, tão pouco há próxima vez (todas as vezes são iguais à primeira).

Pode pensar-se que a nossa vida é como uma semana destas imagens e que volta a repetir-se em mundos contíguos.

Sem nada conceder à minha fraqueza posso imaginar-me numa chegada emocionante a casa de Faustine, o seu interesse pelos meus relatos, a amizade que tais circunstâncias ajudarão a estabelecer-se. Quem sabe se não estou deveras no caminho, longo e árduo, para Faustine, para o repouso necessário da minha vida.

Mas onde vive Faustine? Segui-a durante semanas. Fala do Canadá. Mais não sei. Mas há outra pergunta possível de escutar — com horror: estará Faustine viva?

Talvez por esta ideia me parecer tão poeticamente lancinante — estar à procura de uma pessoa que ignoro onde vive, que ignoro se vive —, Faustine importa-me mais do que a vida.

Haverá alguma possibilidade para a minha viagem? O bote apodreceu. As árvores estão podres; não sou suficientemente bom carpinteiro para poder fabricar um bote com outras madeiras (por exemplo, com cadeiras ou portas; nem sequer estou certo de que seria capaz de o fazer com madeira de árvore). Esperarei que um barco passe. É isso o que não quis. O meu regresso já não será secreto. Nunca vi daqui um barco; excepto o de Morel, que era o simulacro de um barco.

Para mais, se alcançar o destino da minha viagem, se encontrar Faustine, ver-me-ei numa das mais penosas situações da minha vida. Será preciso apresentar-me rodeado de certo mistério; pedir-lhe para a ver a sós; já isto, por parte de um desconhecido, a fará desconfiar, depois, quando souber que fui testemunha da sua vida, pensará que procuro extrair daí algum proveito desonesto; e ao saber que sou um condenado à prisão perpétua, verá confirmados os seus temores.

Antes não me passava pelo espírito a ideia de que certo acto pudesse trazer-me boa ou má sorte. Agora repito, à noite, o

nome de Faustine. Naturalmente que me agrada pronunciá-lo; mas fico angustiado de cansaço e continuo a repeti-lo (por vezes tenho enjoos e ansiedades de doente quando adormeço).

Quando acalmar descobrirei maneira de partir. Por agora, narrando o que me aconteceu, obrigo os meus pensamentos a ordenarem-se. E se tiver que morrer, eles darão conta da atrocidade da minha agonia.

Ontem não houve imagens. Desesperado, ante o segredo das máquinas em repouso, tive pressentimentos de não voltar a ver Faustine. Mas hoje de manhã a maré estava a subir. Afastei-me antes que as imagens aparecessem. Vim à sala das máquinas, para as compreender (para não estar à mercê das marés e poder remediar às suas faltas). Tinha pensado que se visse as máquinas a entrarem em funcionamento, talvez pudesse compreendê-las ou, pelo menos, obter alguma informação para as estudar a seguir. Tal esperança não se cumpriu.

Entrei pela abertura rasgada na parede e fiquei... Estou a deixar-me levar pela emoção. Tenho que preparar frase a frase. Quando entrei senti a mesma surpresa e a mesma felicidade que da primeira vez. Tive a impressão de caminhar no imóvel fundo azulado de um rio. Sentei-me à espera, de costas para a abertura que rasgara (sentindo doer-me essa interrupção da continuidade celeste da porcelana).

Assim permaneci por um bocado, placidamente distraído (agora parece-me inconcebível). Depois as máquinas verdes começaram a funcionar. Comparei-as com a bomba de tirar água e com os motores da iluminação. Olhei-as, ouvi-as, apalpei-as com atenção, de muito perto, inutilmente. Mas, como a seguir, me pareceram inatingíveis, talvez tenha fingido a atenção, como que por compromisso ou vergonha (por me ter apressado em descer às caves, por tanto ter esperado por aquele momento), como se alguém estivesse a observar-me.

No meu cansaço voltei a sentir o precipitar-se da agitação. Tenho de a reprimir Reprimindo-a acharei maneira de sair.

Narro circunstanciadamente o que me aconteceu: voltei-me e caminhei com os olhos baixos. Ao olhar a parede tive a sensação de me encontrar desorientado. Procurei o buraco que tinha aberto na parede. Não estava lá.

Pensei que pudesse tratar-se de um fenómeno óptico interessante e dei um passo para o lado, para verificar se a coisa prosseguia. Estendi os braços num gesto de cego. Tacteei todas as paredes. Apanhei do chão pedaços de porcelana, de ladrilho, que fizera cair ao praticar a abertura. Apalpei a parede no mesmo lugar durante muito tempo. Tive que admitir que a parede se reconstruíra.

Seria possível que eu tivesse ficado fascinado com a celeste claridade da sala, tão

interessado no funcionamento dos motores, que não ouvisse um pedreiro a reparar a parede?

Aproximei-me. Senti a frescura da porcelana no ouvido, e escutei um silêncio interminável, como se o outro lado tivesse desaparecido.

No chão, onde o deixara cair ao entrar ali pela primeira vez, estava o ferro que me servira para abrir uma fenda no muro. *Foi do mal o menos não o terem visto* — disse numa ignorância patética da minha situação — *Teria deixado que mo levassem sem dar por isso.*

Voltei a encostar o ouvido àquele muro que parecia definitivo. Tranquilizado pelo silêncio, procurei o sítio da abertura que aí tinha rasgado e comecei a bater com o ferro (pensando que me seria mais difícil quebrar o muro onde o entulho era mais velho). Assestei numerosos golpes; o desespero crescia. A porcelana, por dentro, era invulnerável. Os golpes mais fortes, mais fatigantes, ressoavam contra a sua dureza e não abriam uma greta à superfície nem desprendiam o mais leve fragmento do seu esmalte celeste.

Contive os meus nervos. Descansei.

Ataquei de novo, noutros pontos. Caíram pedaços de esmalte, e quando começaram a cair grandes bocados de parede continuei a bater, com os olhos turvados e uma urgência desproporcionada em relação ao peso

do ferro, até que a resistência da parede, que não diminuía na proporção em que se somavam e esforçavam as minhas pancadas, me atirou por terra, a chorar de fadiga. Primeiro vi, toquei os pedaços de alvenaria, polidos de um dos lados, ásperos e terrosos do outro; depois, numa visão tão lúcida que parecia efémera e sobrenatural, os meus olhos descobriram a continuidade celeste da porcelana, a parede indemne e inteira, a sala fechada.

Voltei a bater. Nalguns sítios saltavam pedaços de parede, que não deixavam ver qualquer cavidade, nem clara nem escura, que se reconstruíam com uma prontidão maior que a da minha visão e adquiriam, então, aquela dureza invulnerável, que já encontrara no lugar da anterior abertura.

Pus-me a gritar «Socorro!», lancei-me algumas vezes contra a parede e deixei-me cair. Tive um acesso de demência em lágrimas, sentindo um ardor húmido na cara. Comovia-me o pavor de estar num local encantado e a revelação confusa de que a sua magia se manifestava aos incrédulos como eu, intransmissível e mortal, a fim de se vingar.

Acossado pelas terríveis paredes celestes, levantei os olhos para a fresta de iluminação, onde elas se interrompiam. Vi, durante muito tempo sem entender, e a seguir assustado, um ramo de cedro que saía de si pró-

prio e se transformava em dois; depois os dois ramos voltavam a penetrar-se, dóceis como fantasmas, fundindo-se num só. Disse em voz alta ou pensei muito claramente: *Não vou conseguir sair. Estou num local encantado.* Ao formulá-lo, senti vergonha, como um impostor que tivesse levado a simulação longe demais, e compreendi tudo:

Estas paredes — como Faustine, Morel, os peixes do aquário, um dos sóis e uma das luas, o tratado de Belidor — são projecções das máquinas. Coincidem com as paredes construídas pelos pedreiros (são as mesmas paredes apanhadas pelas máquinas e depois reflectidas sobre si próprias). Onde rasguei ou suprimi a primeira parede, permanece a reflectida. Como se trata de uma projecção, nenhum poder é capaz de a atravessar ou de a suprimir (enquanto os motores funcionarem).

Se rasgar por completo a primeira parede, quando os motores deixarem de funcionar, esta sala de máquinas ficará aberta, não será já uma sala, passará a ser o canto de uma outra; quando os motores funcionarem, a parede voltará a impor-se, impenetrável.

Morel deve ter imaginado esta projecção com uma parede dupla para que nenhum homem pudesse chegar às máquinas que conservam a sua imortalidade. Mas estudou as marés insuficientemente (sem dúvida

num outro período solar) e julgou que a fábrica poderia funcionar ininterruptamente. É certamente ele o inventor da famosa peste que até agora tão bem tem protegido a ilha.

O meu problema é parar os motores verdes. Não há-de ser difícil descobrir a chave que os desligue. Um dia aprendi a servir-me da fábrica de luz e da bomba de tirar água. Sair daqui não me há-de ser difícil.

A fresta salvou-me, ou salvar-me-á, porque não hei-de morrer de fome, resignado, para além do desespero, saudando o que deixo, como esse capitão japonês, de virtuosa e burocrática agonia, num asfixiante submarino, no fundo do mar. No *Nuevo Diario* li a carta encontrada no submarino. O morto saudava o imperador, os ministros e, por ordem hierárquica, todos os marinheiros que foi capaz de enumerar enquanto aguardava a consumação da asfixia. Além disso, regista observações como estas: *Agora sangro pelo nariz; parece-me que os tímpanos me rebentaram.*

Ao narrar circunstanciadamente esta acção, repeti-a. Espero não repetir o seu final.

Os horrores do dia ficaram escritos no meu diário. Escrevi muito: parece-me inútil procurar inevitáveis analogias com os moribundos que fazem projectos de vastos futuros ou que vêem, no instante de afogar-se,

uma minuciosa imagem da sua vida toda. O momento final deve ser agitado, confuso; estamos sempre tão longe que não podemos imaginar as sombras que vêm perturbá-lo. Agora deixarei de escrever para me dedicar, serenamente, a descobrir a forma de parar estes motores. Então, a brecha abrir-se-á de novo, como perante um esconjuro; caso contrário (ainda que perca Faustine para sempre), baterei com o ferro, como já fiz à parede, até quebrar os motores, e então a brecha abrir-se-á como perante um esconjuro, e eu estarei fora daqui.

Ainda não consegui parar os motores. Dói-me a cabeça. Ligeiros ataques de nervos, que domino rapidamente, arrancam-me a uma sonolência crescente.

Tenho a impressão, indubitavelmente ilusória, de que se pudesse receber um pouco de ar fresco, não tardaria a resolver este problema. Lancei-me contra a fresta; é invulnerável como tudo o que me encerra.

Repito-me que a dificuldade não se encontra no meu torpor nem na falta de ar. Estes motores devem ser muito diferentes de todos os outros. Parece lógico supor que Morel os tenha desenhado de maneira a não poderem ser entendidos pelo primeiro que chegue à ilha. No entanto, a dificuldade em

manejá-los há-de consistir nas suas diferenças em relação aos outros motores. Como eu não entendo de nenhuns, essa maior dificuldade desaparece.

Do funcionamento dos motores depende a eternidade de Morel; suponho que são muito sólidos; tenho então que conter o meu impulso de os partir à pancada. Com isso só me cansaria e desperdiçava o ar. Para me conter, escrevo.

E se tivesse ocorrido a Morel gravar também os motores!...

Por fim, o medo da morte libertou-me da superstição da incompetência; foi como se me tivesse aproximado deles com a ajuda de lentes de aumentar: os motores deixaram de ser um amontoado de ferros casual, passaram a possuir formas, estruturas, que permitiam compreender o seu funcionamento.

Desliguei-os; saí.

Na sala das máquinas pude reconhecer (para além da bomba de tirar água e do motor de iluminação, já mencionados):

a) Um conjunto de transmissores de energia ligados à turbina que está nas terras baixas;

b) Um conjunto fixo de receptores, gravadores e projectores, com uma rede de aparelhos colocados estrategicamente, que têm toda a ilha como campo de acção;

c) Três aparelhos portáteis, receptores, gravadores e projectores, para exposições isoladas.

Descobri, em algo que julgava ser o motor mais importante e era uma caixa de ferramentas, uns planos incompletos, que me deram muito trabalho e uma ajuda duvidosa.

A clarividência da descoberta não foi imediata. Os estados por que passei, anteriormente, foram:

1.º O desespero;

2.º Um desdobramento em actor e espectador.

Estive ocupado a sentir-me num submarino asfixiante, no fundo do mar, num cenário. Sereno perante a minha atitude sublime, confuso como um herói, perdi tempo, e saí de noite quando já não havia luz para poder procurar raízes comestíveis.

Primeiro pus a funcionar os receptores e projectores para exposições isoladas. Coloquei flores, folhas, moscas, rãs. Tive a emoção de as ver aparecer, reproduzidas e reais.

Depois cometi a imprudência.

Pus a mão esquerda à frente do receptor; abri o projector e apareceu a mão, somente

a mão, fazendo os movimentos preguiçosos que havia feito quando a gravei.

É agora como outro objecto ou quase um animal, que se encontra no museu.

Deixo o projector a funcionar, não faço desaparecer a mão; a sua visão, sobretudo curiosa, não é desagradável.

Esta mão, num conto, seria uma terrível ameaça para o protagonista. Na realidade, que mal pode ela fazer?

Os emissores vegetais — folhas, flores — morreram após cinco ou seis horas; as rãs, ao fim de quinze.

As cópias sobrevivem, incorruptíveis.

Ignoro quais são as moscas verdadeiras e as artificiais.

Às flores e às folhas, talvez tenha faltado água. Não dei comida às rãs; devem ter tido que sofrer, em todo o caso, pelo menos os efeitos da mudança de ambiente.

Quanto aos efeitos sobre a mão, suspeito que venham dos temores provocados em mim pela máquina, mais do que da própria máquina. Tenho um ardor contínuo, se bem que ténue. Caíu-me um bocado de pele. Esta noite estava inquieto. Pressentia horríveis alterações da mão. Sonhei que a rasgava que a desfazia facilmente! Poderei então tê-la ferido.

Mais um dia será intolerável.

Primeiro senti curiosidade perante um parágrafo do discurso de Morel. Depois, julguei ter feito uma descoberta que me divertiu bastante. Não sei como esta descoberta se transformou numa outra, precisa, ominosa.

Não me matarei para já. Habituei-me a ver as minhas teorias mais lúcidas desfazerem-se no dia seguinte, ficarem como provas de uma assombrosa combinação de inaptidão e entusiasmo (ou desespero). Talvez a minha ideia, uma vez passada a escrito, perca a sua força.

Aqui está a frase que me aterrou:

Terão que desculpar-me esta cena, primeiro aborrecida, depois terrível.

Porquê terrível? Os outros iam saber que tinham sido fotografados segundo um novo processo, sem terem sido prevenidos. É claro que saber *a posteriori* que oito dias da nossa vida, em todos os seus pormenores, ficaram registados para sempre, não deve ser agradável.

Pensei também, a certo momento: *Uma dessas pessoas deve ter um segredo horrível; Morel encarregar-se-á de o conhecer ou de o revelar.*

Casualmente, recordei que o fundamento do horror de se ser representado em imagens, sentido por alguns povos, consiste na crença de que ao formar-se a imagem de

uma pessoa, a alma passa para a imagem e a pessoa morre.

Divertia-me encontrar escrúpulos em Morel pelo facto de ter fotografado os seus amigos sem autorização; com efeito, julguei estar a descobrir, no espírito de um sábio contemporâneo, a sobrevivência desse antigo temor.

Li de novo a frase:

Terão que me desculpar esta cena, primeiro fastidiosa, depois terrível. Vamos esquecê-la.

Que significa esta última frase? Que em breve, os outros deixariam de dar importância à cena, ou que já *não poderiam* recordá-la?

A discussão com Stoever fora terrível. Stoever suspeitou do mesmo que eu. Não sei como demorei tanto até compreender.

Por outro lado, a hipótese de que as imagens têm alma, parece necessitar, para poder fundamentar-se, de que os emissores a percam ao serem apanhados pelos aparelhos. É o próprio Morel quem o afirma:

A hipótese de as imagens terem alma parece estar confirmada pelos efeitos da minha máquina sobre as pessoas, os animais e os vegetais emissores.

Na verdade, é preciso possuir uma consciência singularmente superior e audaciosa, que se confunda com a inconsciência, para fazer tal declaração às próprias vítimas; mas eis uma monstruosidade que parece não dis-

cordar do homem que, seguindo uma ideia, organiza uma morte colectiva e decide, por si próprio, da solidariedade de todos os amigos.

Qual era essa ideia? Aproveitar a reunião quase completa dos seus amigos para obter uma espécie de paraíso terrestre — ou uma incógnita que não sondei? Se há uma incógnita, é possível que para mim não tenha interesse.

Creio poder identificar agora os tripulantes mortos do barco bombardeado pelo cruzador *Namura*: Morel aproveitou a sua própria morte e a dos seus amigos, para confirmar os rumores acerca da doença que caracterizaria as condições de vida deletérias da ilha; rumores já difundidos por Morel, para proteger a sua máquina, a sua imortalidade.

Mas tudo isto, em que judiciosamente cogito, significa que Faustine morreu; que não existe Faustine para além desta imagem, para a qual eu não existo.

A vida é pois intolerável para mim. Como hei-de continuar na tortura de viver com Faustine e de a ter tão longe? Onde procurá-la? Fora desta ilha, Faustine perdeu-se com os gestos e os sonhos de um passado estranho.

Escrevi nas primeiras páginas:

«Sinto com desagrado que este papel se está a transformar num testamento. Se tiver que me resignar a isso, procurarei que as minhas afirmações sejam susceptíveis de verificação; de tal maneira que ninguém, achando-me alguma vez suspeito de falsidade, possa julgar que minto ao dizer que fui condenado injustamente. Colocarei este relato sob a divisa de Leonardo — *Ostinato Rigore* (1) — e tentarei cumpri-la».

A minha vocação é o pranto e o suicídio; todavia não esqueço esse rigor empenhado.

Na sequência corrijo erros e esclareço tudo aquilo que não ficou já explicitamente esclarecido: abreviarei assim a distância entre o ideal de exactidão que me guiou desde o início e a narrativa efectiva.

As marés: Li o livrito de Belidor (Bernardo Forest de). Começa com uma descrição geral das marés. Confesso que as desta ilha preferem seguir a sua explicação e não a minha. Deve ter-se em conta que eu nunca tinha estudado as marés (talvez no colégio, onde ninguém estudava) e que as descrevi nos primeiros capítulos deste diário quando ainda mal começavam a ter importância para mim. Anteriormente, enquanto vivi na

(1) Não aparece à cabeça do manuscrito. Deverá atribuir-se tal omissão a um esquecimento? Não sabemos; como em todas as demais passagens duvidosas, escolhemos o risco das críticas, a fidelidade ao original (*Nota do Editor*).

colina, não constituíram um perigo, e ainda que me interessassem, não tinha tempo para as observar com vagar (quase tudo o resto era um perigo).

Todos os meses, segundo Belidor, há duas marés de amplitude máxima, nos dias de lua cheia e de lua nova, e duas marés de amplitude mínima, nos dias de quartos lunares.

Às vezes, no sétimo dia de uma maré de lua cheia ou nova, é possível que tenha ocorrido uma maré meteorológica (provocada por fortes ventos e chuvas): daí, certamente, surgiu o meu erro de crer que as grandes marés cheias ocorriam uma vez por semana.

Explicação da falta de pontualidade das marés diárias: segundo Belidor, as marés chegam cada dia com cinquenta minutos de atraso, durante o quarto crescente, e cinquenta minutos de avanço, no quarto minguante. Isto não é completamente exacto na ilha: creio que o avanço ou atraso deve ser de um quarto de hora ou vinte minutos por dia; faço estas modestas observações, sem aparelhos de medição: talvez os sábios acrescentem o que lhes falta, e possam tirar alguma conclusão útil delas em vista a um melhor conhecimento do mundo que habitamos.

Este mês tiveram lugar numerosas marés cheias: duas foram lunares; as outras, meteorológicas.

Aparições e desaparecimentos. A primeira e as seguintes: As máquinas projectam as imagens. As máquinas funcionam com a força das marés.

Após períodos mais ou menos longos, com marés de fraca amplitude, tiveram lugar sequências de marés que chegaram ao moinho das terras baixas. As máquinas funcionaram e o disco eterno continuou a andar, a partir do momento do registo da semana em que se tinha interrompido.

Se o discurso de Morel se verificou na última noite da semana, a primeira aparição verificar-se-á na noite do terceiro dia.

A ausência de imagens durante o longo período anterior à primeira aparição, talvez se deva ao facto de o regime das marés variar com os períodos solares.

Os dois sóis e as duas luas: Como a semana se repete ao longo do ano, vêem-se estes sóis e luas não coincidentes (e também os habitantes com frio em dias de calor; banhando-se em águas conspurcadas; dançando por entre os matagais ou durante as tempestades). Se a ilha se afundasse — com excepção dos lugares onde estão as máquinas e os projectores —, as imagens, o museu, a própria ilha, continuariam visíveis.

Ignoro se o excessivo calor destes últimos tempos se deve à soma da temperatura que existia na altura em que a cena foi

gravada com a temperatura do momento actual [1].

Árvores e outros vegetais: Os que foram gravados pela máquina estão secos; os que não foram apanhados — as plantas anuais (flores, ervas) e as árvores novas — estão de boa saúde.

O interruptor eléctrico, os fechos trancados. Cortinas inamovíveis: Podemos aplicar aos fechos e aos interruptores eléctricos o que ficou dito, há muito tempo já, a respeito das portas:

Se estavam fechadas quando se gravou a cena, teriam que o continuar quando ela fosse projectada.

Pela mesma razão, são as cortinas inamovíveis.

A pessoa que apaga a luz: A pessoa que apaga a luz do quarto oposto ao de Faustine, é Morel. Entra, pára um momento em frente da cama. O leitor lembrar-se-á de que, no meu sonho, Faustine fez tudo isso. Aborrece-me ter confundido Morel com Faustine.

Charlie. Fantasmas imperfeitos: Inicialmente não os encontrava. Agora julgo ter dado com os seus discos. Não os ponho.

(1) A hipótese da soma de temperaturas não me parece necessariamente falsa (um pequeno aquecedor é insuportável num dia de Verão), mas julgo que a verdadeira explicação é outra. Era Primavera; a semana eterna foi gravada no Verão; ao funcionarem as máquinas reflectem a temperatura de Verão (*Nota do Editor*).

Podem ser aflitivos, não se coadunarem com a minha situação (futura).

Os espanhóis que vi na copa: São empregados de Morel.

Câmara subterrânea. Biombo de espelhos: Ouvi Morel dizer que servem para experiências de óptica e de som.

Os versos franceses declamados por Stoever:

Ame, te souvient-il, au fond du paradis,
De la gare d'Auteuil et des trains de
[jadis?

Stoever disse à velha que eram de Verlaine.

Acho que não ficam, no meu diário [1], mais pontos por explicar. Há elementos para se compreender quase tudo. Os capítulos que faltam não surpreenderão.

Procuro explicar a mim próprio a conduta de Morel.

Faustine evitava a sua companhia; ele então, engendra a semana, a morte de todos

[1] Resta o mais inacreditável: a coincidência, num mesmo espaço, de um objecto e de sua imagem total. Este facto sugere a possibilidade de que o mundo seja constituído, exclusivamente, por sensações (*Nota do Editor*).

os seus amigos, a fim de conseguir a eternidade com Faustine. Assim conpensava a renúncia às possibilidades que a vida contém. Entendeu que, para os outros, a morte não seria uma evolução prejudicial; em troca de um prazo de vida incerto, dar-lhes-ia a imortalidade na companhia dos amigos preferidos. Dispôs igualmente da vida de Faustine.

Mas a própria indignação que sinto põe-me em guarda: talvez esteja a atribuir a Morel um inferno que me é próprio. Sou eu o apaixonado de Faustine; capaz de matar e de matar-me; sou eu o monstro. Talvez Morel não se tenha referido nunca a Faustine no seu discurso; talvez estivesse enamorado de Irene, de Dora, ou da velha.

Estou exaltado; torno-me néscio. Morel ignora as demais favoritas. Queria a inacessível Faustine. Por isso a matou, se matou com todos os seus amigos, inventou a imortalidade!

A formosura de Faustine merece estas loucuras, estas homenagens, estes crimes. Neguei-o por ciúme ou defesa, para não admitir a paixão.

Vejo agora o acto de Morel como um ditirambo merecido.

A minha vida não é atroz. Abandonadas as desassossegadas esperanças de partir em

busca de Faustine, poderei adaptar-me ao destino seráfico de a contemplar.

O caminho existe: viver, ser o mais feliz dos mortais.

Mas a condição da minha felicidade, como tudo o que é humano, é instável. A contemplação de Faustine poderia — embora eu não *possa* tolerá-lo, nem sequer em pensamentos — interromper-se:

Por meio de uma avaria das máquinas (não sei repará-las);

Por meio de alguma dúvida que pudesse sobrevir e arruinar-me este paraíso (tenho que reconhecer que há, entre Morel e Faustine, conversas e gestos capazes de induzir em erro pessoas de carácter menos firme);

Por meio da minha própria morte.

A verdadeira vantagem da minha solução é fazer da morte o requisito e a garantia da contemplação eterna de Faustine.

Estou a salvo dos intermináveis minutos necessários para preparar a minha morte num mundo sem Faustine; estou a salvo de uma interminável morte sem Faustine.

Quando me senti a postos abri os receptores de acção simultânea. Ficaram gravados sete dias. Representei bem: um espectador desprevenido pode imaginar que não sou um intruso. Trata-se do resultado natural de uma laboriosa preparação: quinze dias de tentativas e estudos contínuos. Infatigavelmente, repeti cada um dos meus actos.

Estudei o que Faustine diz, as suas perguntas e respostas; muitas vezes intercalei habilmente uma ou outra frase; Faustine parece responder-me. Nem sempre a sigo; conheço os movimentos dela e costumo caminhar adiante. Espero que, de um modo geral, demos a impressão de ser amigos inseparáveis, de nos entendermos sem necessidade de palavras.

A esperança de suprimir a imagem de Morel perturbou-me. Sei que é um pensamento inútil. No entanto, ao escrever estas linhas, sinto o mesmo empenhamento, a mesma perturbação. Feria-me a dependência das imagens (em especial, de Morel com Faustine). Agora não: entrei nesse mundo; já não pode suprimir-se a imagem de Faustine sem que também a minha desapareça. Alegra-me depender — o que é mais estranho, menos justificável — de Haynes, Dora, Alec, Stoever, Irene, etc. (e do próprio Morel!).

Mudei os discos; as máquinas projectarão, eternamente, a nova semana.

Uma consciência funesta de estar a representar tirava-me a naturalidade durante os primeiros dias; venci-a; e se a imagem tem — como julgo — os pensamentos e os estados da alma dos dias da exposição, o gozo de contemplar Faustine será o meio em que viverei a eternidade.

Com incansável vigilância mantive o meu espírito livre de inquietações. Procurei

não investigar os actos de Faustine; esquecer os ódios. Receberei a recompensa de uma eternidade tranquila; mais ainda: cheguei a sentir a duração da semana.

Na noite em que Faustine, Dora e Alec entram no quarto, contive triunfalmente os nervos. Não tentei averiguar coisa alguma. Agora sinto um ligeiro aborrecimento por ter deixado esse ponto por esclarecer. Na eternidade não lhe atribuo qualquer importância.

Quase não senti o processo da minha morte; começou nos tecidos da mão esquerda; no entanto, progrediu muito; o aumento do ardor é tão paulatino, tão contínuo, que não dou por ele.

Estou a perder a visão. O tacto tornou-se impraticável; cai-me a pele; as sensações são ambíguas, dolorosas; procuro evitá-las.

Frente ao biombo de espelhos, soube que estou glabro, calvo, sem unhas, ligeiramente cor-de-rosa. As forças faltam-me. Quanto à dor, tenho uma impressão absurda: parece-me que aumenta, mas que a sinto menos.

A persistente ansiedade mínima que sinto com as relações entre Morel e Faustine protege-me de me dar conta da minha destruição; é um efeito inesperado e benéfico.

Por desgraça, nem todas as minhas cogitações são tão úteis: há — somente na imaginação, somente para me inquietar—a esperança de que toda a minha doença seja uma

robusta auto-sugestão; de que as máquinas não façam mal; de que Faustine esteja viva e de, dentro em breve, partir em sua busca; de que nos havemos de rir juntos destas falsas vésperas da morte; de que chegaremos à Venezuela; a outra Venezuela, porque para mim tu és, Pátria, os senhores do governo, as milícias com fardas de aluguer e pontaria assassina, a perseguição unânime na auto-estrada de La Guayra, nos túneis, na fábrica de papel de Maracay; ainda, porém, te quero, e da minha dissolução saúdo-te até ao infinito: és também os tempos de *O Coxo Ilustrado*: um grupo de homens (e eu, um rapazito, atónito, venerador) interpelados por Orduño, das oito às nove da manhã, tornados melhores pelos versos de Orduño, do Panteão ao café da Rocha Tarpeia, no 10, eléctrico descoberto e desfeito, fervorosa escola literária. És o pão *cazabe*, do tamanho de um escudo de guerra e livre de insectos. És a inundação das planícies, com toiros, éguas, tigres, arrastados vertiginosamente pelas águas. E tu, Elisa, entre lavadeiros chineses, de recordação em recordação mais parecida com Faustine; dissestes-lhes que me levassem para a Colômbia e atravessámos o deserto quando este é mais selvagem; os chineses cobriram-me com folhas ardentes e cabeludas de *frailejón*, para eu não morrer de frio; enquanto vir Faustine, não te esquecerei, eu que julguei que te não queria! E a declaração da Inde-

pendência que nos lia todos os 5 de Julho, na sala elíptica do Capitólio, o voluntarioso Valentin Gómez, enquanto nós — Orduño e os discípulos —, para o desprezarmos, venerávamos a arte do quadro de Tito Salas, «O General Bolívar atravessa a fronteira da Colômbia»; confesso, no entanto, que depois, quando a banda tocava *Glória ao bravo povo/ (que sacudiu o seu jugo/respeitando a lei/a honra e a virtude)*, não podíamos reprimir a emoção patriótica, essa emoção que já não reprimo agora.

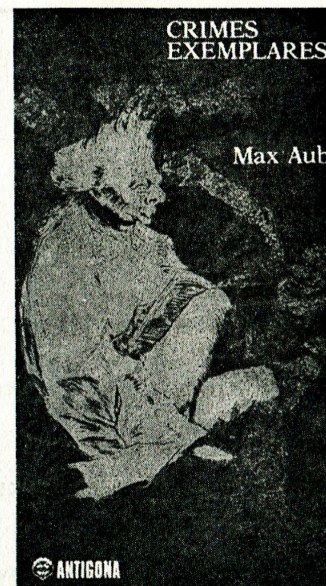
Mas a minha disciplina férrea incessantemente derrota estas ideias, comprometedoras da calma final.

Vejo ainda a minha imagem na companhia de Faustine. Esqueço que se trata de uma intrusa; um espectador desprevenido poderia julgá-las igualmente apaixonadas e suspensas uma da outra. Talvez esta aparência pressuponha a fraqueza dos meus olhos. De qualquer maneira, consola morrer assistindo a um resultado tão satisfatório.

A minha alma não passou, ainda, para a imagem; se não, eu teria morrido, teria (talvez) deixado de ver Faustine, para estar com ela numa visão que ninguém recolherá.

Ao homem que, baseando-se neste relato, invente uma máquina capaz de reunir as presenças desconjuntadas, farei uma súplica: procure-nos a Faustine e a mim, faça-me entrar no céu da consciência de Faustine. Será um acto piedoso.

- Os Tomates Enlatados
Benjamin Péret
- Apontamentos para a História da Revolução da Maria da Fonte
Padre Casimiro
- Do Terrorismo e do Estado
Gianfranco Sanguinetti
- Ravachol e o Anarquistas
Jean Maitron
- O Banqueiro Anarquista
Fernando Pessoa
- A Nuclearização do Mundo
Les Editions de l'Assomoir
- Crimes Exemplares
Max Aub
- O Papalagui
Tuiavii de Tiavéa
- Exposição Analítica do Pronunciamento
João Pinto Roby
- Historiografia *Maliciosa e Crítica* da Miséria em Portugal
Carlos K. Debrito
- A Burocratização do Mundo
Bruno Rizzi
- Apelos da Prisão de Segóvia
Coordenação dos Grupos Autónomos de Espanha



Max Aub

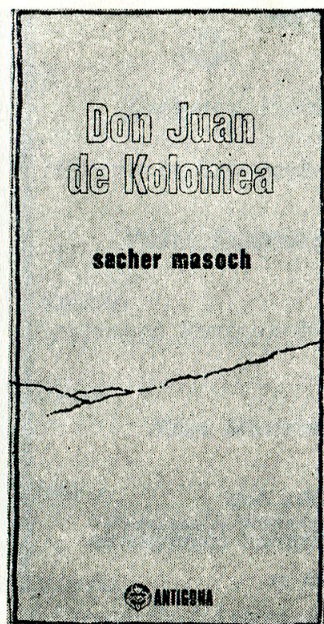
Crimes Exemplares

98 pp.

«Este é um material em primeira mão, passado directamente da boca ao papel mal arranhando a orelha. São confissões sem importância: claras, confusas ou directas e que não têm outra desculpa para além de exporem o arrebatamento. Recolhidas em Espanha, em França ou no México ao longo de mais de vinte anos, não poderia melhorá-las agora, o que explica a sua banalidade.

(...) Os homens são aquilo em que os tornaram, e querer considerá-los responsáveis por aquilo que os leva, de repente, a ficar fora de si é uma pretensão que não partilho. As razões evidentes que os levaram ao crime são fornecidas por eles próprios com uma franqueza total, pois não têm outro desejo para além do de se deixarem, por vezes, arrebatar pelo seu infortúnio. Na minha opinião, é de uma maneira perfeitamente ingénua que dizem a verdade».

Do autor



Sacher Masoch

Don Juan
de Kolomea

85 pp.

«Don Juan de Kolomea ignorado entre tantas outras produções Tenóricas, de Tirso de Molina a Mozart, é das mais violentas e anatemáticas personagens que se puderam, até hoje, construir e realizar.

Levando consigo o desejo do gozo sem limites na sua forma mais profunda, o amor, luta desesperado contra as violentações sociais, assumindo-as como livre-escravo a que todos estamos sujeitos sem a destruição do logro em que vivemos. E — sinistro destino — aquilo a que o sistema mercantil torpemente o condena, a paternidade, é a negação do seu amor, do Amor».

Do prefácio

Composto e impresso por Safil, Lda.
em Junho de 1984
para Edições Antígona
com uma tiragem de 1000 exemplares

Quando o homem soçobra, resta-lhe, no seu desgosto, a encenação da vida: cinema. Falta-lhe perceber que tanto esta pobre vida, como a sua retroversão fílmica são por igual negligenciáveis: meros simulacros do ser.

"La invención de Morel", cuja primeira edição data de 1968, sob a responsabilidade de **Emecé Editores,** Buenos Aires, prova que Adolfo Bioy Casares pressentiu isto, ou fingiu pressentir, o que, do ponto de vista da eficácia do recado, vai dar ao mesmo.

Autor de vasta obra — "Diario de la guerra del cerdo", "Historias de amor", "Historias fantásticas", "El sueño de los héroes", etc., e, em colaboração com Jorge Luis Borges, de duas crestomatias de contos policiais, e ainda "Antologia de la literatura fantástica", "Crónicas de Bustos Domecq", "Introducción à la literatura norte-americana", etc. —, Bioy Casares é já conhecido do leitor português: **Editorial Estampa** encarregou-se de lhe publicar, em 1980, "Plano de evasão" e "Dormir ao sol".

ANTIGONA